

RELATÓRIO 8 A

8ª SESSÃO: Bartolomeu Cid dos Santos

5º Ano

(Grupo A)

CCMB, 21 Abril de 2010

Índice

	Pág.
RELATÓRIO DA DISCUSSÃO	3
Análise de relevância temática da discussão	4
Leitura das obras	4
Agenda da Discussão	4
Discussão	6
Hipótese	8
Labyrinth-Delphi (1)	9
Entrance to a Labyrinth (2)	12
Conceito de Labirinto	15
Análise de relevância da discussão por género (Crianças-participantes e Adultos)	18
1. Como se relacionam as obras entre si?	19
2. De que se constitui a obra <i>Labyrinth-Delphi</i> ?	22
3. De que se constitui a obra <i>Entrance to a Labyrinth</i> ?	25
4. O que se entende por <i>labirinto</i> ?	28
Análise etnográfica do registo de vídeo	33
Retratos e análise de participação por indivíduo (Crianças-participantes e Adultos)	38
CONCLUSÕES FINAIS	43
REGISTO DE CONTROLO	47
Análise da obra e enquadramento no espaço	48
Avaliação da Sessão	40
Discussão	50
Observação participante	51
Avaliação da construção de teorias enraizadas	52
Avaliação do processo de pesquisa	53

RELATÓRIO DA DISCUSSÃO

Os resultados apresentados no presente relatório referem-se a um grupo de 11 crianças-participantes (8 rapazes e 3 raparigas) com idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos de idade e 2 adultos: professor (CONV1) e investigadora (INV), que participaram numa sessão de Filosofia que ocorreu no dia 21 Abril de 2010, com a duração aproximada de 1 hora, no Centro Cultural Manuel de Brito (Algés). O grupo de crianças-participantes supracitado pertence à turma do 5º ano de escolaridade do ano lectivo 2009/2010 e é constituída por um total de 11 crianças-participantes (8 rapazes e 3 raparigas), sendo que a especificação do grupo mantém-se conforme R1A.

Procedimentos

O R2A reporta-se à exposição retrospectiva do pintor e gravador Bartolomeu Cid dos Santos. Esta Sessão incluiu a visita à totalidade da exposição tendo sido anteriormente seleccionadas quatro obras possíveis para discussão. A INV consentiu que as crianças-participantes elegessem duas obras, pelo que foram escolhidas *Labyrinth-Delphi* (2000) e *Entrance to a Labyrinth* (2000). A escolha das obras citadas respeitou o pressuposto de preservação do protocolo de Matthew Lipman assumido por esta investigação.



Figura 1 – Bartolomeu Cid dos Santos, *Labyrinth-Delphi* (2000)



Figura 2 – Bartolomeu Cid dos Santos, *Entrance to a Labyrinth* (2000)

Com a expectativa de promover e observar a possibilidade comparativa da teoria suscitada pela experiência estética, a selecção desta exposição foi enquadrada num contexto prévio que inclui a leitura de algumas histórias da obra literária de Jorge Luís Borges O ALEPH (1949): “A casa de Astérion” e “Os dois reis e os dois labirintos”, a obra literária O Livro de Areia.¹ e, ainda, a visita e discussão da instalação *Paraíso do Éden (Paraíso)* da artista plástica Joana Vasconcelos (ver Relatório da 7ª Sessão A). Neste enquadramento, a observação e registo do fenómeno alude a um contexto articulado por conveniência teórica que poderá vir a gerar, por influência directa, conceitos e categorias adquiridos empírica ou dialeticamente. As obras assinaladas encontravam-se numa sala estreita (do 1º andar), o que acusou alguma dificuldade na gestão de falta de espaço: uma vez que as crianças-participantes se colocaram em meia-lua diante das obras, alguns visitantes, impossibilitados de aceder livremente às mesmas, apresentaram semblantes carregados.

¹ Kodama, Maria. (1989). *Jorge Luis Borges, 1 Obras Completas 1923-1949*. Lisboa: Editorial Teorema.

ANÁLISE DE RELEVÂNCIA TEMÁTICA

A ARTD resultou da análise da **Agenda da Discussão** (2ª Fase da Sessão) e da **Discussão** (3ª Fase da Sessão) e manteve os objectivos sinalizados no R1A: constituir uma visão de conjunto dos temas lançados na discussão pelas crianças-participantes, numa perspectiva *Grounded theory*.

Na análise do fenómeno em questão, este relatório manteve o mesmo sistema de categorização anteriormente estabelecido: registar a organização natural da própria discussão por fases alternadas ou distintas (Categorização processual); observar a pertinência de um conteúdo-base representativo de um tópico que evidencie uma ideia, conceito ou fenómeno que circunscreva ou auxilie a teoria constituída (Categorização estrutural); investigar e registar os elementos descritivos da(s) obra(s) e que tipos de relações estabelecem entre si (Categorização descritiva); investigar e registar como é que na percepção e experimentação da Obra se relacionam estes elementos descritivos, ou seja, como é que se estabelece o fenómeno revelador da experiência estética (Categorização por valorização).

Leitura das obras (1ª Fase da Sessão)

A **Leitura das obras** teve a duração aproximada de 2 minutos e 23 segundos.

A **Leitura das obras** iniciou-se sem necessidade de esclarecimento sobre os procedimentos uma vez que estes se consideram completamente assimilados. As crianças-participantes observaram e experimentaram fisicamente as possibilidades de leitura das obras, isoladas ou em grupo apelando à atenção umas das outras para comunicarem as suas respectivas elações.

Posteriormente, as crianças-participantes e os facilitadores sentaram-se em meia-lua diante das obras. Neste momento foi verificado o equipamento de recolha vídeo e foi entregue às crianças-participantes o MP4 para registo de som das suas intervenções (e como passa-palavra).

Agenda da discussão (2ª Fase da Sessão)

A **Agenda de Discussão** foi registada uma duração aproximada de 2 minutos 33 segundos.

Code: AGENDA DA DISCUSSÃO

Classificação: CATEGORIZAÇÃO PROCESSUAL (teorização activa)

A constituição da **Agenda da discussão** não causou qualquer tipo de constrangimento nas crianças-participantes.

As crianças-participantes apresentaram 6 questões:

- | | |
|--|-------------------|
| 1. Porque é que isto é 3D e não foi pintado? | IND 1 (Masculino) |
| 2. Porque é que escolheram um labirinto? | IND 11 (Feminino) |
| 3. Porque é que neste labirinto (Delphi) há sítios onde não se pode ir? | IND 3 (Feminino) |
| 4. Porque é que a saída está impedida de passar? | IND 9 (Masculino) |
| 5. Onde é que é a entrada e a saída deste labirinto (Delphi)? | IND 8 (Masculino) |
| 6. Porque é que na entrada do labirinto está esta espécie de mundo com prédios à frente e uma espécie de sistema estrelar? | IND 8 (Masculino) |

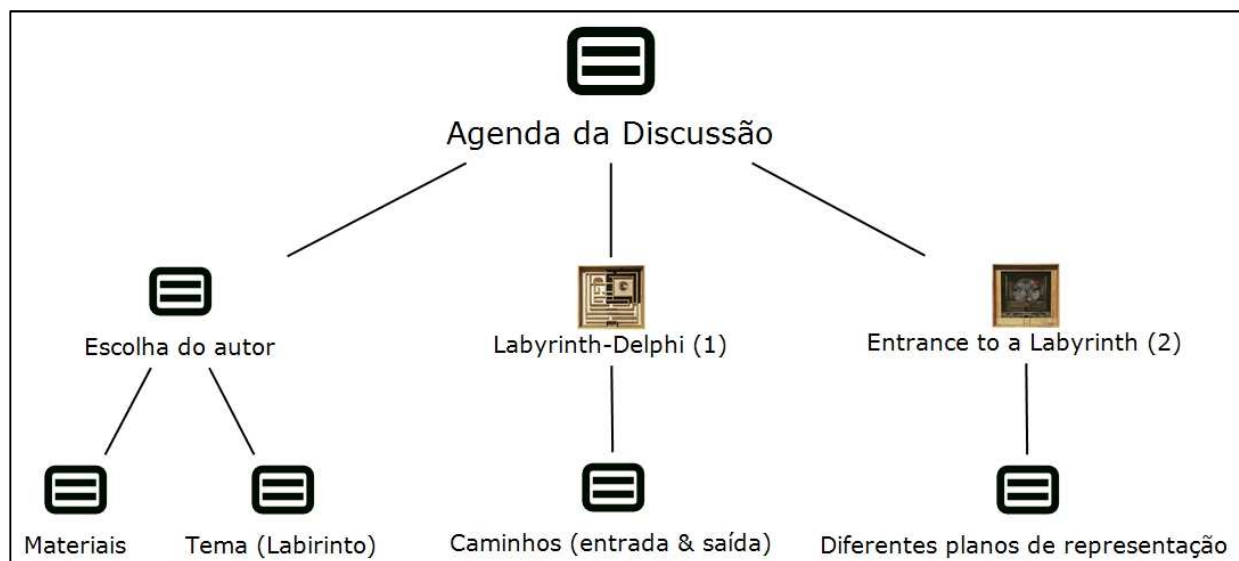


Figura 3 - Agenda da Discussão (Diagrama)

A categoria **Agenda da Discussão** (Figura 3) formou-se a partir de 6 questões que evidenciaram o carácter descritivo de interpretação directa dos elementos que se destacam na obra e alguma reflexão sobre a intenção do autor associada aos materiais utilizados.

Assim, a estruturação da teoria revelada em análise subdividiu-se na subcategoria **Escolha do autor** (1ª e 2ª Questão) constituiu-se à estruturação da obra na sua relação directa com os *materiais* utilizados e à motivação ou *tema* escolhido pelo autor; a subcategoria **Labyrinth-Delphi (1)** (3ª, 4ª e 5ª Questão) constituiu-se de menções directas à obra com mesmo nome, que evidenciam a preocupação em deslindar não só os *caminhos, entrada e saída* que materializam o labirinto, como também, as relações que estes estabelecem entre si; a subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** (6ª Questão) evidenciou uma análise directa dos elementos que constituem a obra em relação aos *diferentes planos de representação* que a constituem e que interferem na disposição os mesmos e nos momentos de leitura da mesma.

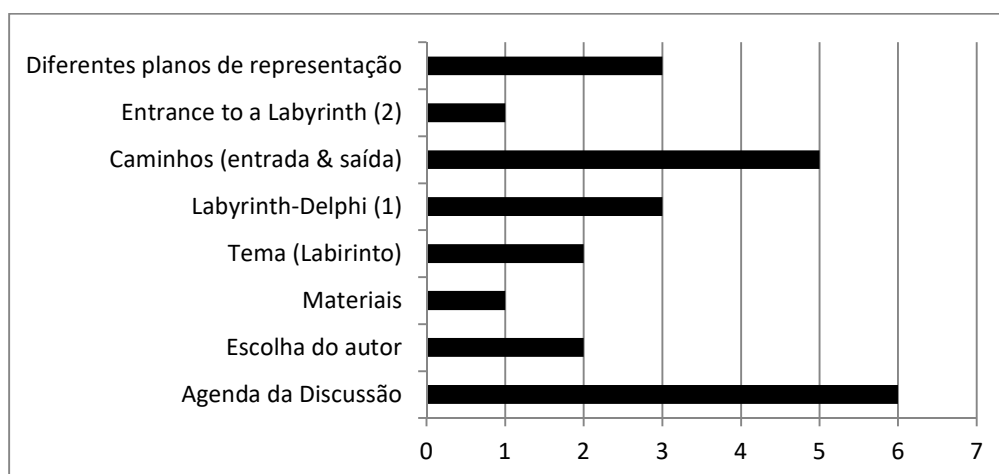


Tabela 1 - Agenda da Discussão (ARTD)

Na ARTD da categoria **Agenda da Discussão** desta Sessão (Tabela 1), a subcategoria **Escolha do autor** evidência um primeiro momento de leitura sensível às obras e ao meio em que se inserem no que diz respeito à questão que aponta a escolha de forma e materiais “Porque é que isto é 3D e não foi pintado?” IND 1 (Masculino), uma vez que a grande maioria das obras observadas anteriormente seriam águas-fortes, bem como, a motivação latente não só nas obras em referência para esta discussão como na maioria das obras do mesmo autor presentes na exposição “Porque é que escolheram um labirinto?” IND 11 (Feminino); a subcategoria **Labyrinth-Delphi (1)** intensifica a pertinência da necessidade de deslindar as relações que se estabelecem nos percursos que materializam o labirinto Ex: “Porque é que neste labirinto (Delphi) há sítios onde não se pode ir?” IND 3 (Feminino); por último, a subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** pouco evidenciada, descreve não só o movimento visual de leitura ao enunciar o confronto da leitura dos elementos em diferentes planos de representação, como também uma primeira tradução desses mesmos elementos “Porque é que na entrada do labirinto está esta espécie de mundo com prédios à frente e uma espécie de sistema estrelar?” IND 8 (Masculino).

Discussão (3ª Fase da Sessão)

O registo da Discussão verificou uma duração aproximada de 47 minutos e 40 segundos.

Code: DISCUSSÃO

Classificação: CATEGORIZAÇÃO PROCESSUAL (teorização activa) e Categorização estrutural

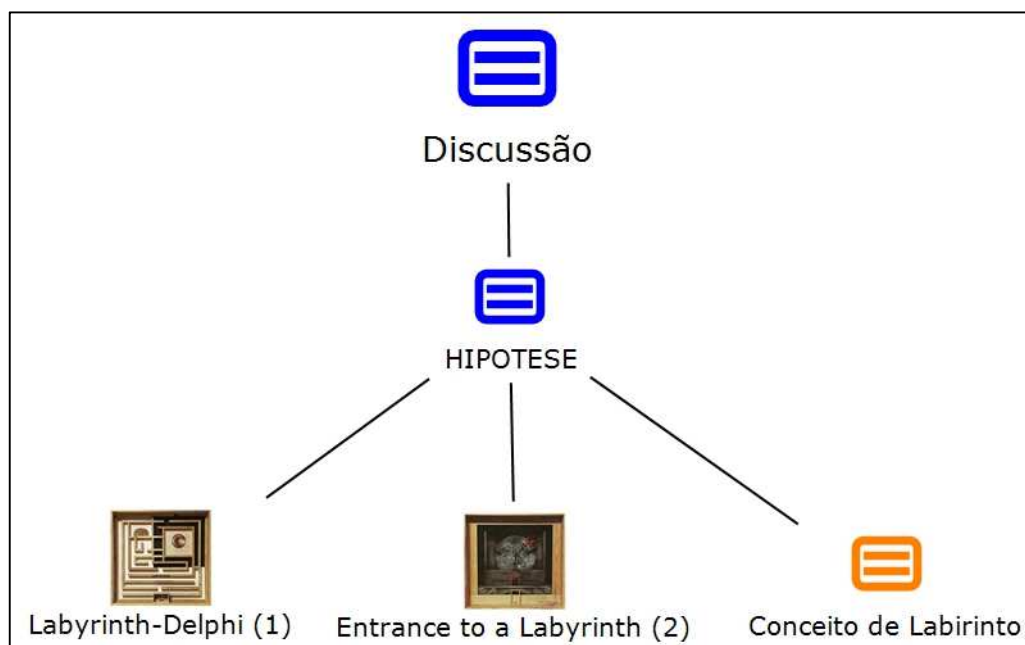


Figura 4 - DISCUSSÃO
(Diagrama)

A categoria **Discussão** (Figura 4) caracteriza a 3ª Fase da Sessão, ou seja, a discussão propriamente dita.²

² O diagrama apresentado (Figura 4) não se estrutura segundo a sequência de entrada das respectivas subcategorias na Discussão. Na realidade, as crianças-participantes abordaram no início da Discussão a obra que nomeia a subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)**, porém, para garantir uma leitura desta análise o mais próxima possível do fenómeno a que se refere, optou-se por expor a sequência das subcategorias de acordo com a mesma sequência das obras a que se referem, ou seja, tal como se apresentaram em exposição.

Nesta Sessão, a categoria **Discussão**, que se apresenta de um modo simples e linear, constitui-se a partir de um conteúdo-base que circunscreve ou auxilia a teoria estabelecida como especulativa, mas constante durante toda a discussão, ou seja, através da apreciação das correntes submersas que constituem uma *hipótese*. Assim, a subcategoria **Hipótese** descreve a transferência ambivalente das ideias de fundo da **Discussão** sempre associadas à tentativa de ligação entre obras.

Conforme referido, a subcategoria **Labyrinth-Delphi (1)** surge da associação directa à 3ª, 4ª e 5ª Questão que evidenciam a preocupação em deslindar os percursos que materializam o labirinto, bem como, as relações que estes estabelecem entre si, de modo a posteriormente se insinuar uma possível interpretação narrativa de cada uma das partes de modo a poder vir a constituir o todo, por ventura, uma identificação por dissecação.

A subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** está directamente associada à 6ª Questão colocada pelo IND 8 (Masculino) que propõe uma associação directa dos elementos que constituem a obra em diferentes planos de representação, sendo que, os elementos que inauguraram a subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** foram os primeiros a ser referenciados na **Discussão**, logo após ao fecho da **Agenda da Discussão**, quando a IND 3 (Feminino) identifica o então denominado *sistema estrelar* como sendo um objecto de orientação a *bússola*.

Por último, constituiu-se a subcategoria **Conceito de Labirinto** que surge por intervenção da INV que solicitou ao grupo que reflectisse como é que cada um construiu a sua ideia ou *conceito de labirinto* “Vou colocar-vos uma questão: Nós, enquanto observadores, estamos na frente de duas obras: uma é um labirinto planificado, a outra dá-nos a entrada do labirinto com um suposto mecanismo de orientação, seja ele bússola ou relógio, mas não deixam de ser duas peças criadas pelo artista. Nós, do lado de cá, o que é que nós entendemos deste labirinto? Nós enquanto [observadores], cada um vocês? Se calhar há vários labirintos, se calhar há só um.”. Esta questão abriu um momento conclusivo da **Discussão** que possibilitou a auscultação do movimento dos participantes no início muito apegados às suas associações anteriores, às suas narrativas de interpretação directa das obras e que os impedia de se deslocarem ou focarem noutra possibilidade discursiva, para posteriormente, e devido a alguma instigação conjunta e mais persistente dos facilitadores, finalizarem com argumentações de cariz abstracto, porém, cumprindo um carácter íntimo ou individual, pouco partilhado.

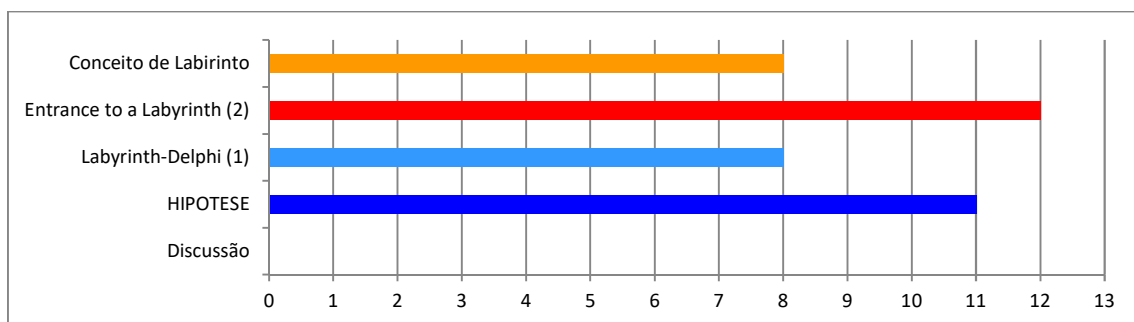


Tabela 2 - DISCUSSÃO
(ARTD)

NA ARTD (Tabela 2), cumpre-se a categoria **Discussão** como constituída segundo a natureza do seu carácter estritamente processual (3ª fase da Sessão), porém, destaca-se, enquanto fenómeno particularizado e inerente à essência intrínseca a esta Sessão, a subcategoria **Hipótese** que apesar de não apresentar qualquer tipo de teorização, descreve a natureza de fundo da Discussão cuja demanda faz eco na tentativa de estabelecer a ligação dialéctica entre as obras. Assim, pode-se verificar, no que diz respeito ao grau de relevância, que as subcategorias **Hipótese** e **Entrance to a Labyrinth (2)** distingue-se moderadamente

das restantes subcategorias **Labyrinth-Delphi (1)** e **Conceito de Labirinto** que, por sua vez, apresentam graus de relevância idênticos entre si.

Hipótese

Code: DISCUSSÃO \ Hipótese

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização estrutural

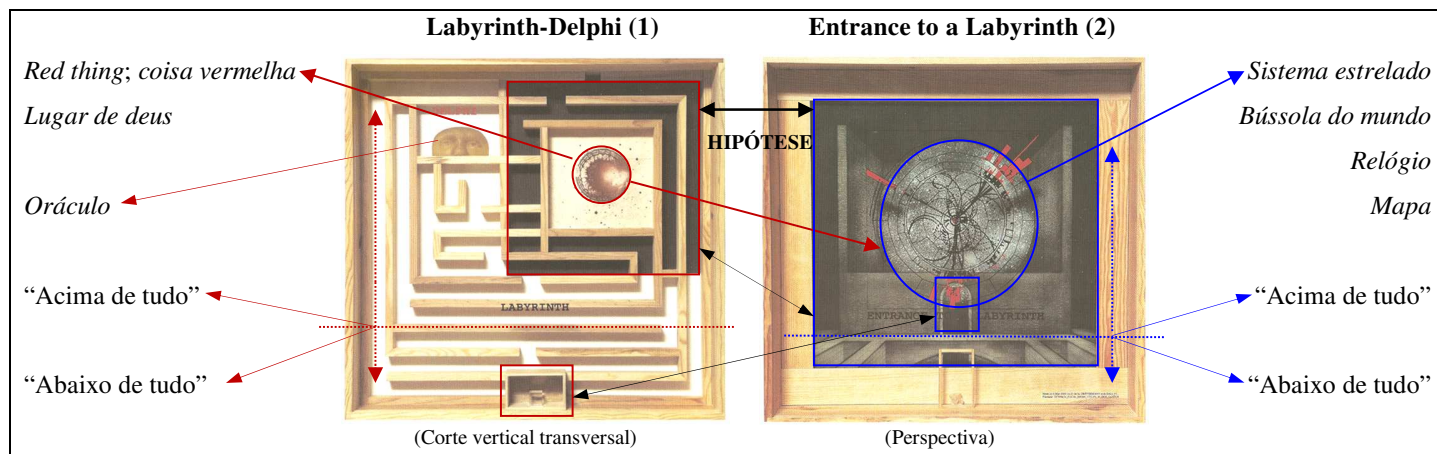


Figura 5 – HIPÓTESE
(Esquema de correspondências)

A subcategoria **Hipótese** (Figura 5) apresenta-se na categoria **Discussão** como um conteúdo-base representativo de um tópico que evidencia um fenómeno que circunscreveu e auxiliou a teoria constituída durante toda a **Discussão**, no sentido em que se constitui a partir de uma base especulativa submersa. Assim, a subcategoria **Hipótese** descreve a deslocação ambivalente das ideias de fundo da **Discussão** sempre associadas à tentativa de ligação entre obras, isto é, se num primeiro momento a obra **Labyrinth-Delphi (1)** é uma visão macro da entrada que representa a obra **Entrance to a Labyrinth (2)**, e esta última, uma visão micro da continuação da *zona escura* na obra **Labyrinth-Delphi (1)** que pode ser designada como *oráculo* ou até mesmo por o *lugar de deus* Ex: “Eu tenho duas hipóteses para o que seja aquela coisa que está ali atrás: aquela coisa que está ali atrás do que tem relógio e tal, está dentro de uma caixa, se repararem, e pode ser aquela bola que está dentro daquela coisa ou aquele quadradinho que está dentro de uma caixa. Era uma hipótese!” IND 4 (Masculino); num segundo momento, a **Discussão** prossegue com a tentativa de ligações directas de elementos com elementos seguindo este preceito de *macro vs micro* Ex: “Sim, the red thing, a coisa vermelha. Ali, a coisa vermelha, o labirinto, é parecido com a bússola no mundo.” IND 6 (Masculino); posteriormente, a mesma ambivalência hipotética reenvia à **Discussão** um instante de perplexidade e falta de possibilidades Ex: “Temos de pensar qual desses está mais no contexto daquele labirinto para ver se conseguimos chegar a alguma conclusão.” IND 6 (Masculino), que se resolve com propostas que apresentam essas mesmas entre elementos estruturadas por narrativas, porém, sempre delimitadas e ancoradas na natureza *hipotética* e incerta do que defende Ex: “Eu acho que, como isto é a entrada do labirinto (2), isto é o labirinto (2), como se alguém estivesse cá dentro (1). Eu acho que dá para entrar daqui mas quando se está no meio do labirinto não se vê a entrada (1) e quando se está no início vê-se uma entrada e tem-se tipo que decorar quando se está lá no meio mas, pronto!” IND 4 (Masculino), ou ainda, “Vou continuar com suposições: esta coisa está acima de tudo, está mais à frente que tudo (2). Aqui é preto, não é? E isto é mais, é acima de tudo, que aqui (1), esta coisa assim, que é mais

claro e esta parte é preta e isto aqui, como está acima de tudo vê-se para cima (2) e vê-se o que está ali (1). Isto é um resto do labirinto que se vê e que está por baixo (1).” IND 4 (Masculino).

Apesar de nestas sessões, em se colocam duas obras em diálogo e/ou confronto directo, ter-se sempre observado a necessidade de ligação dos elementos que as constituem, nesta 8ª Sessão A, esse diálogo e/ou confronto estrutura toda a teoria desenvolvida, ou seja, a leitura e entendimento fundamental de cada obra revela a sua natureza complementar.

Labyrinth-Delphi (1)

Code: DISCUSSÃO \ Labyrinth-Delphi (1)

Classificação: SUBCATEGORIA 2 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

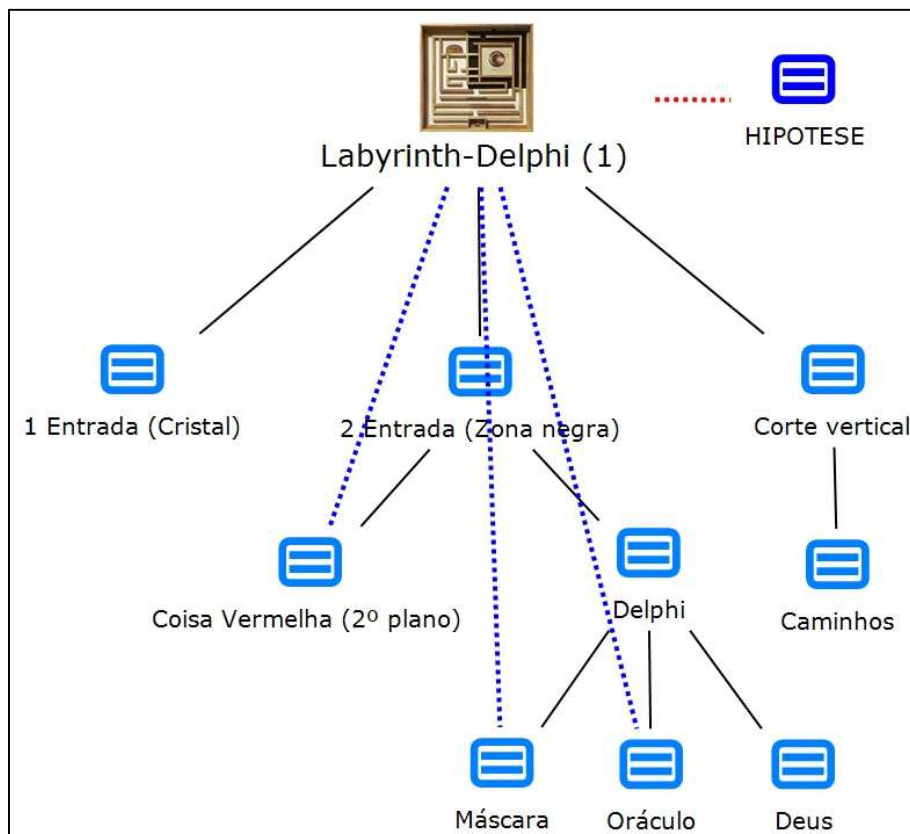


Figura 6 – Labyrinth-Delphi (1)
(Diagrama)

A subcategoria **Labyrinth-Delphi (1)** (Figura 6) apresenta uma estrutura complexa e densa e como já havia sido assinalado, constituiu-se de menções directas à obra com mesmo nome através da 3ª, 4ª e 5ª Questão. Estas questões evidenciaram a preocupação em deslindar as relações que se estabelecem nos percursos que materializam o *labirinto*, bem como, as relações que estes estabelecem entre si de modo a posteriormente se insinuar uma possível interpretação narrativa (uma identificação por dissecação).

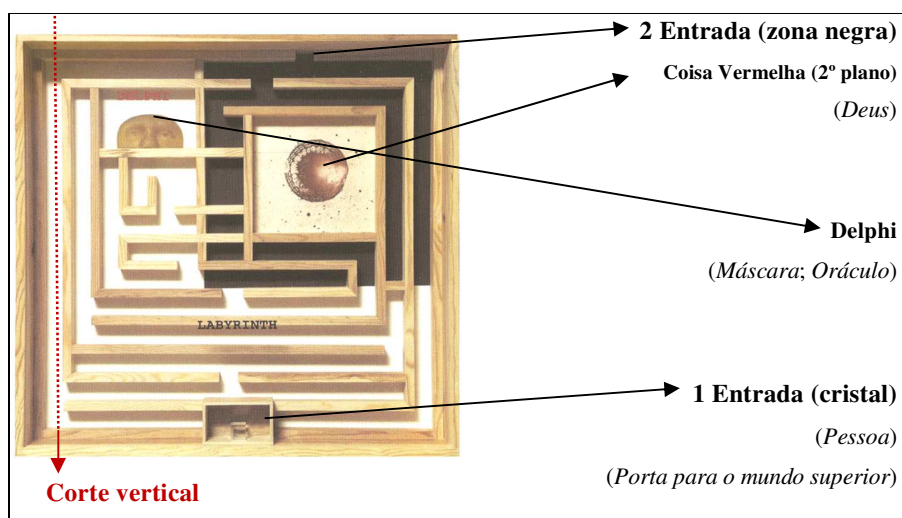


Figura 7 – Labyrinth-Delphi (1)
 (Esquema de correspondências)

No âmbito descrito acima pode-se referir que a subcategoria **Labyrinth-Delphi (1)** (Figura 7) compreende a seguinte estrutura: A subcategoria **1 Entrada (cristal)** surge como resposta directa à 5ª Questão, assim, “Esta coisinha, dentro da caixa.” IND 4 (Masculino), ou seja, o cristal, pode ser uma *pessoa* que *deve querer entrar*, que por sua vez adquire a qualidade de “Um cristal à imagem de Deus!” IND 6 (Masculino); mais, próximo do final das entradas na Discussão correspondentes à subcategoria **1 Entrada (cristal)**, a interpretação narrativa integrada oferece a este *cristal* uma outra dimensão “Eu acho que aquela imagem é um deus visto lá de cima. E com a ideia do [IND 8] que o labirinto é assim [vertical], se os deuses vêm lá de cima, e aquela máscara pode ser um deus, aquilo pode ser uma pessoa e aquela bola pode ser o oráculo porque aquela pessoa não chega ao alcance de um oráculo nem de um deus.” IND 1 (Masculino) que foi seguida de imediata de uma outra que a rematou “Posso dizer uma coisa? Aquele é o deus e aquele é o oráculo, então aquela porta que pelos vistos está fechada, pode ser a porta para o mundo superior, para o mundo dos deuses e que está fechado às pessoas. Então porque é que a saída está impedida de passar? Porque é a entrada para o mundo dos deuses” IND 8 (Masculino);

A subcategoria **2 Entrada (zona negra)** segue uma estruturação análoga mas em associação directa com a obra **Entrance to a Labyrinth (2)** Ex: “Eu acho que é como aquela parte negra (1) fosse a entrada (2) porque aquilo também é um bocado escuro. A entrada, como aquele quadrado que está ali (2). Aquilo também tem uma forma de um quadrado (2) e se calhar é a entrada do labirinto (1). Aquela bola (1) é a bola azul mais a bola preta com as coisas vermelhas (2) vista do outro lado.” IND 8 (Masculino) conforme as seguintes referências:

- A subcategoria **Coisa Vermelha (2º plano)** representa desde *o fogo, the red thing* ou *a bússola no mundo* localizada à obra **Entrance to a Labyrinth (2)** Ex: “Eu acho que a coisa que está atrás, que é o sistema estrelado (1), e a coisa que está à frente, que é uma bússola mundo com prédios igual (1), é a coisa vermelha (2), é a mesma coisa porque há duas portas, eu acho que uma é a mesma que a outra e a outra pode ser a mesma coisa que está ali atrás (1).” IND 4 (Masculino) e, posteriormente, ao lugar de *deus*;

- A subcategoria **Delphi**, ou antes, o significado de *Delphi* ou Delfos foi inicialmente introduzido e esclarecido pelo CONV1 e posteriormente, quando as argumentações de deslocavam do seu conteúdo significante, o IND 1 integrou-o de novo na Discussão “O Delphi é uma zona na Grécia onde vivia um Oráculo.”. No entanto, quando se questiona o facto de estar escrito perto da *máscara* o IND 8 compara que se *Labyrinth* está escrito no labirinto então, por analogia lógica, *Delphi*

deverá estar escrito no local de Delfos “Está escrito no labirinto, “Labyrinth”, está no labirinto. Delphi também deveria estar perto de Delphi!”. Esta última observação revela-se como uma leitura explicativa directa do elemento constituinte integrado na própria obra. A subcategoria **Delphi** prolonga-se ainda nas seguintes subcategorias que a constituem:

- A subcategoria **Deus** associa-se à sua localização na obra, ou seja, à subcategoria **Coisa Vermelha (2º plano)**; a subcategoria **Máscara** associa-se à representação de Delphi “E aquela máscara, acho que é o Delphi, acho que é como se estivesse a representar o Delphi (1).” IND 8 (Masculino), ou ainda, a uma pessoa no labirinto, ao labirinto que é a sua vida “Pronto, aquilo [coisa vermelha] pode representar um enigma que um deles tenha dado a uma pessoa e aqueles olhos são a pessoa no labirinto, é como se fosse o labirinto da vida dessa pessoa. Sei lá, pode ser!” IND 7 (Feminino); quando à subcategoria **Oráculo**, apesar da explicação inicial oferecida pelo CONV1, este conceito foi abordado de uma forma integral, ou seja, a obra, na sua totalidade poderá ser a representação do *oráculo* “Porque o oráculo... Porque aquele cubo transparente pode ser um deus e o deus pode estar dentro do oráculo, pode ter a ver com o oráculo!” IND 5 (Masculino).

A subcategoria **Corte vertical** que se forma a partir da observação directa da obra pelo IND 8 (Masculino) e sobre a qual revelou um entendimento alicerçado numa abordagem sensitiva e pertinente Ex: “...(1) Para depois continuar e não ser um caminho como o que nós estamos a pensar, que é a andar aqui pelos corredores mas isto ser uma parede, isto o tecto, isto outra parede e isto o chão. Não como aqui são duas paredes e tens de andar aqui pelo meio. Não podes, por exemplo, trepar por aqui, trepas... Como se isto não fossem barreiras que estivessem aqui. (...) Mesmo na vertical.”. Usualmente os labirintos são entendidos ou referenciados pela sua planificação, porém, neste caso específico a explicação deste labirinto revela-se na ideia de um *corte vertical transversal* no qual se identifica, tal como todos os labirintos, **Caminhos** que permitem avançar e outros descontinuados sem saída possível Ex: “Onde não se pode ir!” IND 10 (Masculino).

No que diz respeito a intersecções (Figura 7) verificam-se ligações internas que refletem o carácter particular da dupla-categorização e externas associada à natureza específica da subcategoria **Hipótese**.

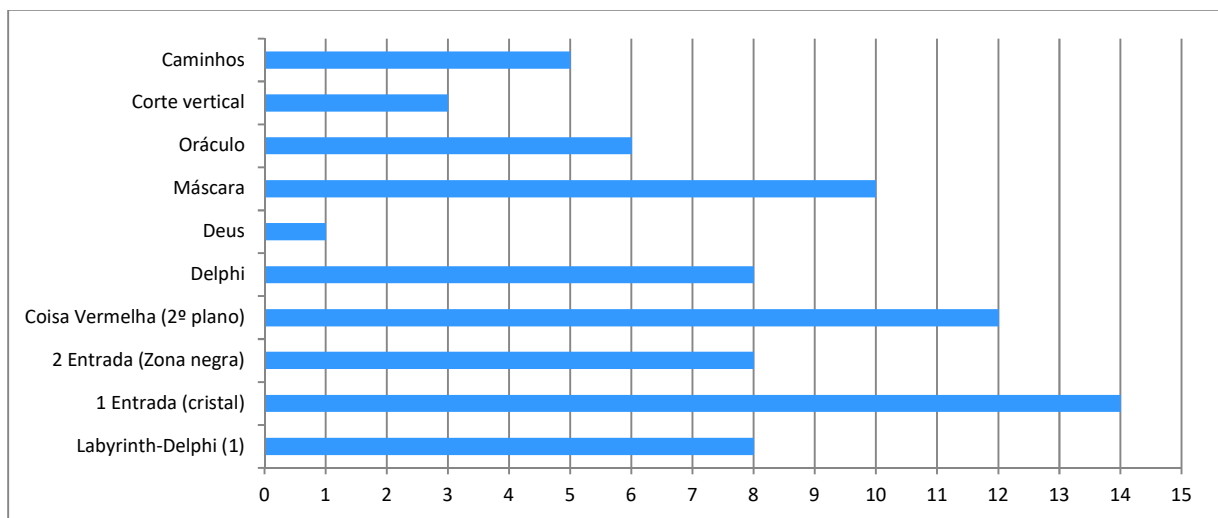


Tabela 3 – Labyrinth-Delphi (1)
(ARTD)

Na ARTD da subcategoria **Labyrinth-Delphi (1)** (Tabela 3) esta apresenta um grau de relevância média e que se estende às subcategorias:

- **1 Entrada (cristal)** com uma relevância elevada;

- **2 Entrada (zona negra)** que apresenta um grau de relevância média e que por sua vez estende-se à subcategoria **Deus** com uma relevância diminuta, à subcategoria **Máscara** com um grau de relevância média-alta e à subcategoria **Oráculo** com um grau de relevância média

- **Corte vertical** que apresenta um grau de relevância baixo e e que ainda se prolonga na subcategoria **Caminhos** com um grau de relevância média-baixa.

Entrance to a Labyrinth (2)

Code: DISCUSSÃO \ Ideia de Labirinto

Classificação: SUBCATEGORIA 2 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

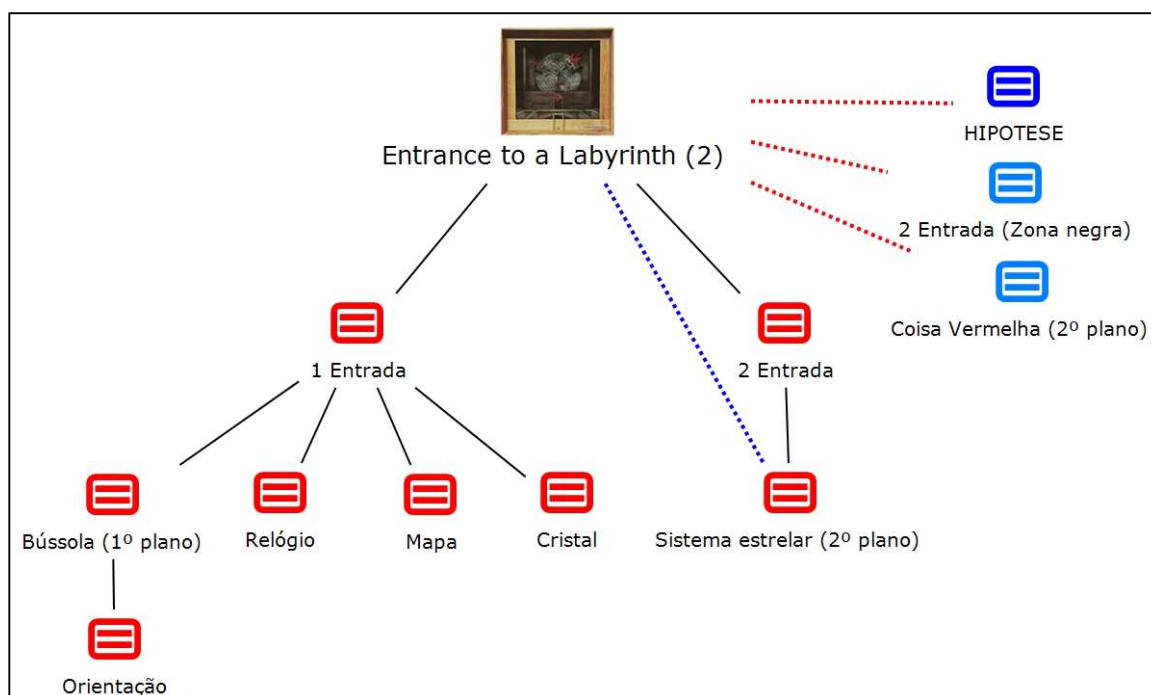


Figura 8 – Entrance to a Labyrinth (2)
(Diagrama)

A subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** (Figura 8) apresenta uma estrutura algo complexa que se constituiu por menção directa à obra com mesmo nome através da 6ª Questão colocada pelo IND 8 (Masculino) que evidenciou a associação directa dos elementos que constituem a obra em diferentes planos de representação. Tal como já havia sido referido, os elementos que inauguraram a subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** foram os primeiros a ser referenciados na **Discussão**, logo após ao fecho da **Agenda da Discussão**, quando a IND 3 (Feminino) identifica o então designado *sistema estrelar* como sendo um objecto de orientação ou uma *bússola*. Assim, a subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** constitui-se da ideia de corresponder à *entrada do labirinto* Ex: “Aquele tem labirinto (1) e este é a entrada (2). (...) Em si, é a planta do labirinto (1) e este é a entrada do labirinto como se fosses tu a entrar no labirinto (2). Tem uma porta ali.” IND 6 (Masculino).

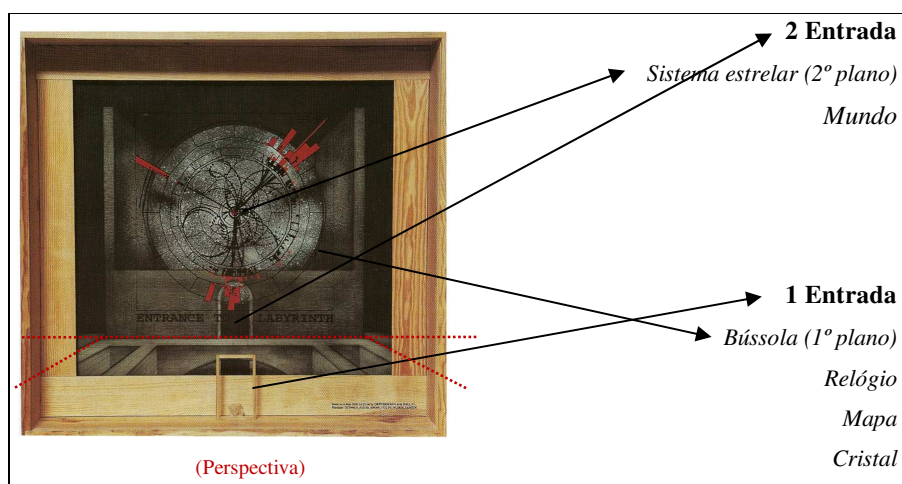


Figura 9 – Entrance to a Labyrinth (2)
(Esquema de correspondências)

A subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** (Figura 9), tal como para a subcategoria anterior, também compreende duas possíveis *entradas* Ex: “Esta porta pode ser esta. A segunda porta atrás é esta aqui e depois vê-se esta bola dentro da caixa, esta é a primeira e esta é a segunda.” IND 4 (Masculino) que se apresentam e estruturam do seguinte modo:

A subcategoria **1 Entrada** forma-se por associação directa à localização da *porta* que dá acesso directo ao labirinto na sua zona *abaixo de tudo* e que agrega a si as seguintes descrições:

- A subcategoria **Bússola (1º plano)** refere-se ao *mundo com prédios*, representado no próprio vidro e que se sobrepõe a uma outra imagem de fundo, o denominado *Sistema estrelar*. Esta imagem em 1º plano é insistentemente definida como bússola mesmo Ex: “Sim, eu acho que é uma bússola. O que está de frente, com as coisas vermelhas.” IND 3 (Feminino), no sentido em que se intenta com o desígnio de um objecto de **Orientação** que se situa há entrada de um labirinto, o que por sinal, facilita a possível orientação no mesmo;
- A subcategoria **Relógio** sucede à proposta de bússola pelo IND 1 que, por sua vez, induz a que se questione a possibilidade de um *mecanismo* que obriga a cumprir o labirinto num determinado *período de tempo* Ex: “Quer dizer o tempo que tens para fazer o labirinto” IND 9 (Masculino);
- A subcategoria **Mapa** propõe-se como uma planificada à entrada do labirinto que se oferece enquanto forma de orientação por precaução (uma vez que neste contexto é referido o Minotauro) Ex: “Até pode ser um mapa do labirinto que está dentro do vidro (...).” IND 7 (Feminino);
- A subcategoria **Cristal** encerra um possível registo de incerteza por não se ter encontrado, neste momento da **Discussão**, um possível enquadramento narrativo para o mesmo. Porém, o **Cristal**, sujeita-se de igual modo às leituras de correspondências que colidem quando se constata que a entrada (*caixa*) da obra **Labyrinth-Delphi** encontra-se fechada e o cristal liso e a entrada (*caixa*) obra **Entrance to a Labyrinth** está aberta e com um cristal em bruto Ex: “Mas este cristalzinho (2) só pode ser isto (1). Isso muda complementemente as coisas!” IND 4 (Masculino).

A subcategoria **2 Entrada** identifica-se por correspondência de elementos entre obras “(...)A segunda porta atrás é esta aqui e depois vê-se esta bola dentro da caixa, esta é a primeira e esta é a segunda.” IND 4 (Masculino) e prolonga-se à seguinte subcategoria que a constitui:

- A subcategoria **Sistema estrelar (2º plano)** é o primeiro elemento referenciado e identificado da **Discussão**, este encontra-se atrás, num *2º plano* de fundo, sobre o qual se sobrepõe o *mapa* ou *bússola*. A referir que é através desta

subcategoria que se eleva a necessidade de deslocação ambivalente das ideias de fundo da Discussão, ou seja, de **Hipótese**.

- A subcategoria **Mundo** apresenta-se como sugestão de interpretação por correspondência de elementos entre obras e obedece a um perfil de sustentação da *hipótese* que se inscreve como necessidade de integrar ideias e/ou conceitos. Ex: “Eu acho que a bússola no mundo (2) é também, ou pelo menos parecida, com o desenho que está no outro labirinto (1), é parecido.” IND 6 (Masculino).

No que diz respeito às intersecções interna (Figura 8) verifica-se a ligação que reflete o carácter particular da dupla-categorização. As intersecções externas associam-se à natureza específica da subcategoria **Hipótese**, bem como, às subcategorias **2 Entrada (Zona negra)** ou **Coisa Vermelha (2º plano)** que remetem a ligação entre obras por correspondência de elementos, sendo ambas pertencentes à subcategoria **Labyrinth-Delphi (1)**.

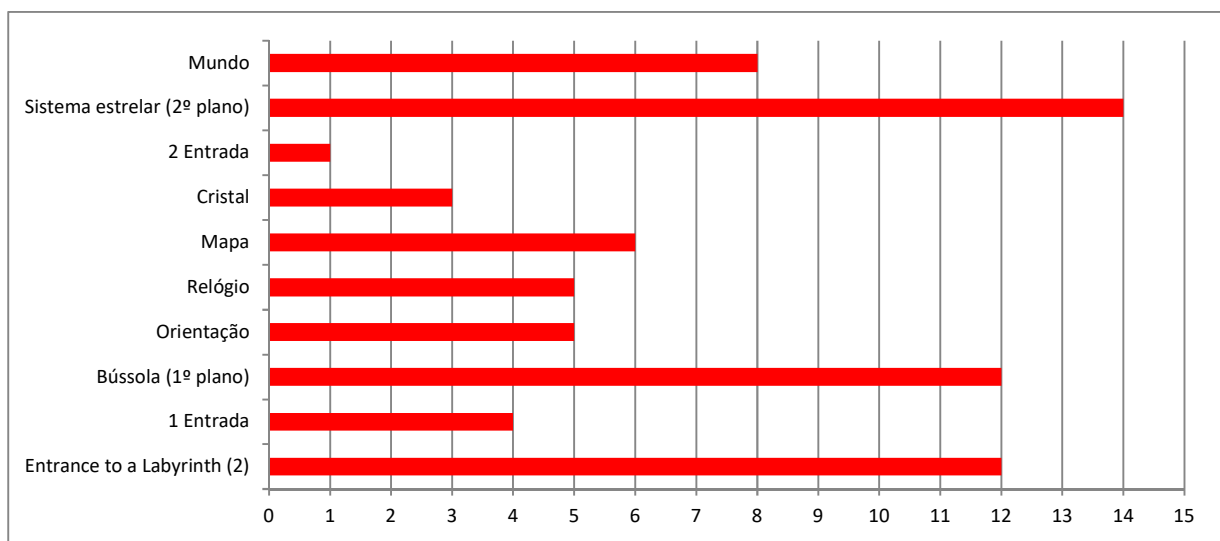


Tabela 4 – Entrance to a Labyrinth (2)
(ARTD)

Na ARTD da subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** (Tabela 4) apresenta um grau de relevância alto e que se estende às subcategorias:

- **1 Entrada** que apresenta um grau de relevância baixo;

- **Bússola (1º plano)** com uma relevância alto que se entende à subcategoria **Orientação** com um grau de relevância média-baixo;

- **Relógio** com um grau de relevância média-baixo;

- **Mapa** que apresenta um grau de relevância médio;

- **Cristal** com um grau de relevância baixa.

- **2 Entrada** que apresenta um grau de relevância diminuto;

- **Sistema estrelar (2º plano)** com uma relevância elevado que se entende à subcategoria **Mundo** com um grau de relevância médio.

Conceito de Labirinto

Code: DISCUSSÃO \ Conceito de Labirinto

Classificação: SUBCATEGORIA 2 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

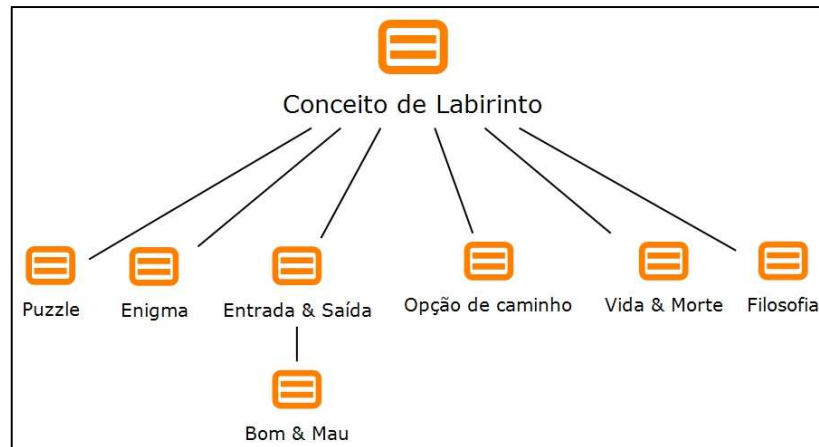


Figura 10 – Conceito de Labirinto (Diagrama)

A subcategoria **Conceito de Labirinto** (Figura10) apresenta uma estrutura linear, extensa mas elementar e constituiu-se por intervenção directa da INV quando solicitou ao grupo que reflectisse como é que cada um construiu a sua ideia ou *conceito de labirinto* “Vou colocar-vos uma questão: Nós, enquanto observadores, estamos na frente de duas obras: uma é um labirinto planificado, a outra dá-nos a entrada do labirinto com um suposto mecanismo de orientação, seja ele bússola ou relógio, mas não deixam de ser duas peças criadas pelo artista. Nós, do lado de cá, o que é que nós entendemos deste labirinto? Nós enquanto observadores, cada um vocês? Se calhar há vários labirintos, se calhar há só um.”.

Em conformidade com o contexto acima descrito pode-se descrever a subcategoria **Conceito de Labirinto** constituiu-se das várias intervenções que visaram dar resposta à instigação que consagrasse uma outra abordagem da noção de *labirinto* em conformidade com o que já havia sido experimentado e ponderado anteriormente – *Labirinto*.

Assim, a subcategoria **Conceito de Labirinto** comportou as seguintes subcategorias:

- **Puzzle** foi a definição anunciada pelo IND 6 ao referir a noção de correspondência enigmática por “tentativa e erro”, que no *conceito de labirinto* pode ser entendido como uma opção de *caminho* “O meu labirinto é como um puzzle: tu tentas sempre fazer mas podes muitas vezes não conseguir. Num puzzle tu podes tentar pôr uma peça mas não consegues, num labirinto podes tentar um caminho mas ele não vai lá dar. É como um puzzle, é um enigma!”;

- **Enigma** reflecte uma noção conjunta que passa: pela associação ao acto de escolha associado a possível correspondência enigmática a que um puzzle nos sujeita, pelo interesse na experiência de observação (decifração) de uma obra “Eu acho que este artista escolheu o labirinto porque é interessante para as pessoas verem!” IND 11 (Feminino); e ainda, pelas conseqüências incalculáveis de um acto ou desejo;

- **Entrada & saída** observa a correspondência ambígua de um *afastamento que remete sempre ao regresso* como a impossibilidade de nos afastarmos do planeta Terra e assim permanecer, ou o *labirinto* como “(...) um sítio com entrada mas sem saída, a saída é a entrada, porque também podes entrar por esse lado, por isso, é como se não tivesse saída, ou como só tivesse saídas.” IND 8 (Masculino), ou ainda, um conceito de labirinto como uma *circunstância de encurralamento* “Para mim

um labirinto é um beco sem saída mas com entrada: pode-se entrar mas depois não se consegue sair, tipo, só pela entrada, não se consegue entrar pela saída!” IND 2 (Masculino); e que por sua vez estende-se ao sentido de **Bom & Mau** que alude às reflexões elaboradas aquando da 7ª Sessão e que denotam a necessidade de concertação de ambivalências Ex: “Na Joana Vasconcelos nós falamos na possibilidade de um labirinto ser bom, tal como um paraíso, e eu acho que um labirinto pode ser bom ou mau: podes não querer sair ou não conseguir sair! (...) Pode ser, por exemplo, um sítio em que tens tudo o que sempre desejaste mas depois não consegues sair porque tens lá tudo o que sempre quiseste e não tens coragem de sair de lá!” IND 10 (Masculino), que foi de imediato contraposto ao registo de uma outra consideração Ex: “Correcção! O [IND 10] disse que quando fomos à Joana Vasconcelos imaginámos um labirinto como uma coisa boa. O que eu me lembro, do que falámos na Joana Vasconcelos, chegámos à conclusão de que não era uma coisa boa: o paraíso no início era uma coisa boa mas depois querias sair mas não conseguias. Se isto aqui fosse uma coisa boa é uma coisa má, por exemplo, há dias o [CONV1] deu um exemplo: desejar que o [IND 4] pare de falar tanto, mas se ele deixar de falar, nós queremos que ele volte a falar! No início nós desejamos ter todas as coisas que desejamos mas depois desejamos não as ter!” IND 6 (Masculino);

- **Opção de caminho** observa uma estruturação através de narrativa virtual muito personalizada Ex: “Para mim um labirinto é uma coisa complicada. Normalmente quando nos chateamos e fazemos alguma coisa, assim: “É pá, porque é que eu fiz isto?”, vemo-nos dentro de um labirinto, porque depois temos de ir fazer várias coisas para conseguir pôr todo novo, que são neste caso os caminhos. Tem alguma coisa a ver com os vários caminhos que podemos seguir para resolver, para sair na saída. É uma coisa que nos mata e que não é sempre muito agradável estar enrodilhada, como os nossos cabelos e não se conseguir sair. Por mais que se tente, por vezes, desiste-se!” IND 3 (Feminino), porém, quando não é necessário questionar-se ou observar a falta surge o conceito de *labirintos pequeninos*, ou seja, de fácil solução; por outro lado, o labirinto pode ser considerado como a *vida de cada um*, como o labirinto ao qual cada um se sujeita no momento em que se nasce Ex: “Para mim um labirinto pode ser mesmo a nossa vida, e quando nós nascemos entramos no labirinto. Há medida que vamos crescendo, vão aparecendo mais caminhos e é cada vez mais difícil!” IND 3 (Feminino);

- **Vida & Morte** conceito abordado em relação ao anterior, em que se considera a entrada do labirinto no momento em que se nasce, onde se vive, e do qual cada um se liberta no momento da morte, porém, é possível ainda que depois da libertação deste labirinto se entre num outro que remete de novo à vida Ex: “Quando morres encontras a saída! Ou então não sabes, podes encontrar um labirinto para entrar no inferno ou no céu... depois no céu talvez haja algum um labirinto para voltar a ter uma vida!” IND 7 (Feminino), aqui a *diferença entre labirintos* remete às considerações elaboradas na 7ª Sessão, depende da *escolha de caminho* que se toma “é como se fosse uma armadilha: se nós seguirmos pelo simples vamos parar ao inferno em vez de seguirmos o complicado que vamos parar ao céu! IND 7 (Feminino). Ainda neste contexto, surgem considerações mais deterministas ou dramáticas: segundo IND 9 é possível nem sequer considerar que se vive no labirinto e assim ignorar as circunstâncias da própria existência ou realidade, ou ainda, segundo IND 4 se a saída do labirinto é a própria morte sair pode ser considerado como uma condição pior. Esta última elevou o tom das argumentações para um nível de atenção e perspicácia assistida por um cepticismo lógico com que se revestiu a intervenção do IND 1 “O [IND 4] disse: quando se morre vai-se para um labirinto pior, então, se vai para um labirinto pior não vale a pena morrer! (...) não se pode sobreviver sempre à morte, pá!”;

- **Filosofia** apresenta-se como uma opinião referida pelo IND 8 fora do contexto da Sessão, mas à qual a INV recorreu de modo a instigar à sua melhor elaboração. Num momento de comportamentos eufóricos e de grande empolgação esta foi abordada como passível de várias respostas sendo que cada uma destas dá origem a uma outra variedade de respostas e assim

sucessivamente, mais, “E há várias soluções para cada pergunta, por isso, é uma árvore representada com muitos ramos!” IND 4 (Masculino).

Como já havia sido anteriormente referido (ver pág. 7) esta subcategoria estrutura-se a partir de m momento que se pode considerar como conclusivo da **Discussão**, ou seja, possibilitou auscultar como é que as crianças-participantes desenvolveram argumentações de cariz abstracto apesar do seu carácter íntimo ou individual tendo em conta que as associações anteriores revelaram narrativas muito apegadas à interpretação directa das obras. Esta alteração de discursos foi facilitada por uma instigação conjunta e persistente da INV e do CONV1.

Ainda sobre este contexto, salienta-se a variação da moderação por parte da INV que dirigiu a reflexão de modo a: permitir a recolha de dados associados à totalidade de intervenções focadas no mesmo tema (leitura de textos e sessões) e o registo de intervenções de crianças-participantes cuja participação tem sido nula ou diminuta.

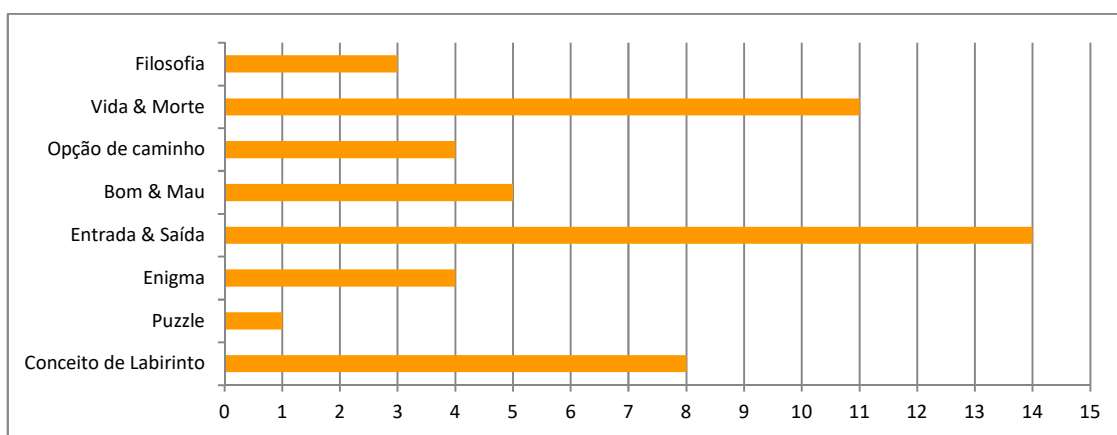


Tabela 5 – Conceito de Labirinto (ARTD)

Na ARTD da subcategoria **Conceito de Labirinto** (Tabela 5) apresenta um grau de relevância médio e que estende-se às seguintes subcategorias:

- **Filosofia** com um grau de relevância baixa;
- **Vida & Morte** com uma relevância alta;
- **Opção de caminho** apresenta um grau de relevância baixo;
- **Entrada & saída** apresenta um grau de relevância elevada e que por sua vez estende-se à subcategoria **Bom & Mau** que apresenta um grau de relevância média-baixo;
- **Enigma** com uma relevância baixa;
- **Puzzle** com um grau de relevância diminuto.

ANÁLISE DE RELEVÂNCIA DA DISCUSSÃO POR GÊNERO (Crianças-participantes e Adultos)

A ARDG do R8A manteve o protocolo proposto no R1A. A ARDG trata de um tipo de análise mais fechada que se desenvolveu a partir da análise dos interesses temáticos revelados na ARTD de modo a possibilitar que se constituam as questões de referência (Figura 16).

A ARDG (Crianças-participantes) do R8A mantém os mesmos parâmetros metodológicos delineados e apresentados no R1A pelo que, apenas incide nos comentários e argumentos mais relevantes das crianças-participantes para as questões de referência. A ARDG (Adultos) das intervenções da INV e do CONV1 foram de igual modo consideradas separadamente, por serem adultos.

Tal como no R1A, a ARDG da 8ª Sessão A, permitiu que se constituísse o RAPI (Crianças-participantes) e RAPI (Adultos) de cada um dos indivíduos considerados.

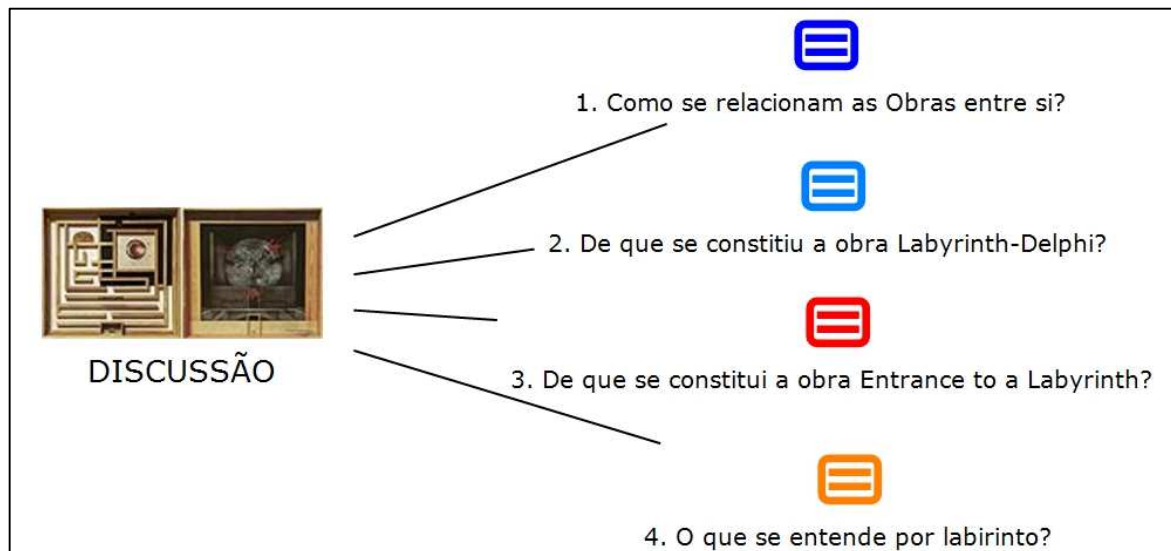


Figura 11 – Questões de Referência
(Diagrama)

Na Sessão 8 A a ARDG (Crianças-participantes e Adultos) (Figura 11) considerou as seguintes questões de referência:

1. **Como se relacionam as obras entre si?** surge através da 1ª Questão colocada pela IND 11 aquando da constituição da **Agenda da Discussão** "Porque é que escolheram um labirinto?" IND 11 (Feminino) e estabelece a deslocação ambivalente das ideias de fundo da discussão (*hipóteses*) sempre associadas à tentativa de leitura conjunta das obras que, apesar de particulares, tocam-se e agregam-se num contexto que se deseja constituir;
2. **De que se constitui a obra *Labyrinth-Delphi*?** surge por associação directa da 3ª, 4ª e 5ª Questão que evidenciam a preocupação em deslindar os percursos que materializam o *labirinto* e das relações que estes estabelecem entre si, através da observação e descrição directa dos elementos de modo a constituírem uma possível interpretação narrativa;

3. **De que se constitui a obra *Entrance to a Labyrinth*?** à semelhança da anterior, esta questão surge por associação directa à 6ª Questão colocada pelo IND 8 (Masculino) que propõe a associação directa dos elementos que constituem a obra em diferentes planos de representação;
4. **O que se entende por *labirinto*?** surge como questão instigada pela INV com o objectivo de assegurar por parte de todas as crianças-participantes registos de teorização, a título de conclusão, de um processo estruturado em várias fases e sessões Ex: “Vocês já lidaram com três labirintos: o da Joana Vasconcelos; com este e com aquele. O labirinto agora já pode querer dizer-vos alguma coisa. Não tem de ser idêntico... Vocês já desenharam o labirinto, vocês já ouviram os contos sobre o labirinto. Agora é: o que é que é o labirinto, para vocês?”. Mais, esta última questão permitiu observar como se constituíram estas várias abordagens em associação com o perfil de cada uma das crianças-participantes.

1. Como se relacionam as obras?

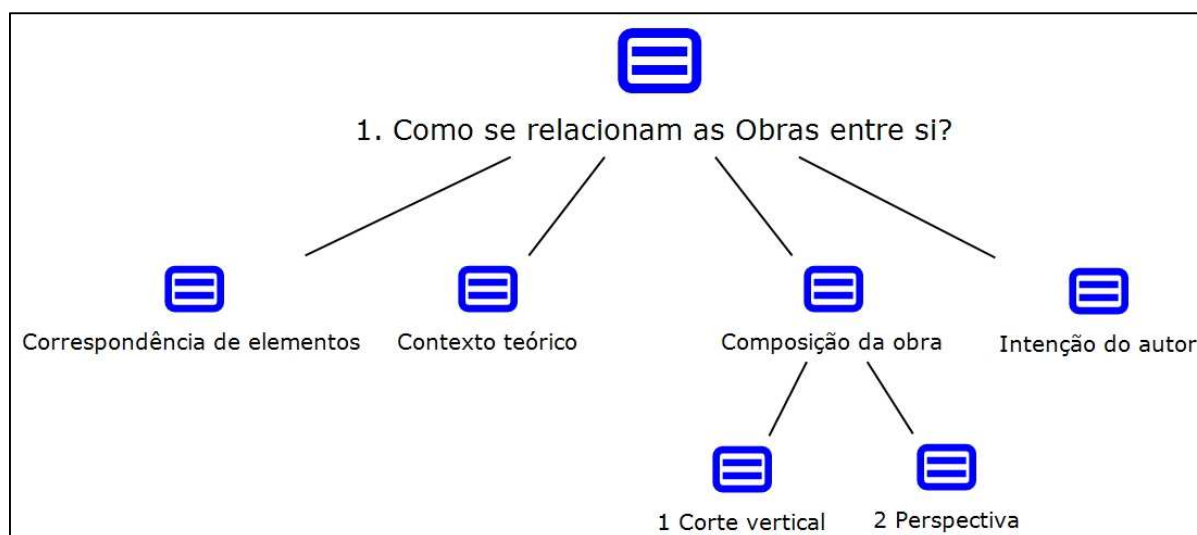


Figura 12 – 1. Como se relacionam as obras entre si?
(Diagrama)

A questão **1. Como se relacionam as obras entre si?** (Figura 17) apresenta uma estrutura relativamente simples.

A questão constitui-se da natureza teórica da **Discussão** que emergiu num contexto global e transversal a todos os conceitos anunciados, de facto, para esta ARDG (Crianças-participantes e Adultos) desta questão/subcategoria pretende assegurar a análise do conteúdo-base representativo de um fenómeno que circunscreveu a teoria constituída, ou seja, a partir de da sua base especulativa sempre constante durante toda a **Discussão**.

Assim, quanto à natureza do fenómeno que esta questão confessa, é de referir como a 1ª Questão (*composição da obra*) e a 2ª Questão (*intensão do autor* no que respeita ao tema escolhido) da **Agenda da Discussão**, inadvertidamente, criam o ruído necessário para que, posteriormente, se constate um certo sentimento de perplexidade e falta de possibilidades criada pela natureza ambivalente de uma hipótese Ex: “Temos de pensar qual desses está mais no contexto daquele labirinto para ver se conseguimos chegar a alguma conclusão.” IND 6 (Masculino).

A questão **1. Como se relacionam as obras entre si?** regista um movimento necessário em direcção à obra Ex: “Sim, e posso ver mais de perto aquela imagem?” IND 8 (Masculino); uma necessidade de correspondência entre obras Ex: “Então, qual é a

diferença entre aquele e este?” INV (Feminino), e ainda, a necessidade impreterível de resolução ou conclusão dessas mesmas correspondências Ex: “Agora temos de pensar qual desses [elementos] está mais no contexto daquele labirinto para ver se conseguimos chegar a alguma conclusão!” IND 6 (Masculino). Neste contexto a 1ª Questão circunscreve-se ainda através das seguintes subcategorias:

- **Correspondência de elementos** regista a deslocação obstinada e incessante do olhar na demanda por uma associação manifesta dos elementos constituintes de cada obra. À semelhança do anteriormente anunciado (ver Figura 7), a deslocação ambivalente das ideias de fundo que, apesar de não se focarem na constituição de um entendimento conceptual, formam-se num movimento ou acto de estar em presença da obra, ou seja, mesmo que a abordagem seja linguística, esta não surge em acto público para que se revele enquanto pensamento, mas enquanto verbalização de um percurso operado pela acção do olhar Ex: “Eu não vou responder a nada, eu vou só continuar com suposições. Eu acho que afinal esta porta (1), esta primeira porta... Oh, isto tem um quadradinho aqui!... Esta porta pode ser esta. A segunda porta atrás é esta aqui e depois vê-se esta bola dentro da caixa, esta primeira e esta é a segunda.” IND 4 (Masculino), os elementos são descritos, as ligações ocorrem, o movimento do olhar intercala-se entre as obras e o que é anunciado sem que se pretenda responder a algo, apenas se pretende manter em aberto o exercício visual de correspondência entre obras que abre um leque possível de suposições;

- **Contexto teórico** foca-se na apresentação de possíveis contextos narrativos por referência anterior à temática *labirinto* e, ainda, seguindo a tendência da associação de elementos, oferecer-lhes *uma espécie* de coisificação ou qualificações substantivas Ex: “Porque é que na entrada do labirinto está esta espécie de mundo com prédios à frente e uma espécie de sistema estrelar?” IND 8 (Masculino);

- **Composição da obra** revê-se contextualizada no percurso da exposição como um todo na medida em que as obras em discussão contrastam com os suportes plásticos das obras anteriormente observadas, assim, questiona-se a escolha do autor por alterar a escolha do material com que constituiu a obra e ter permitido que esta se deslocasse da sua superfície plana para se projectar para a tridimensionalidade Ex: “Porque é que isto é 3D e não foi pintado?” IND 1 (Masculino). Esta subcategoria estende-se ainda à subcategoria **1 Corte vertical** que refere a obra *Labyrinth-Delphi* Ex: “(...) Podes, por exemplo, trepar por aqui, trepas... Como se isto não fossem barreiras que estivessem aqui. (...) Mesmo na vertical (...)” IND 8 (Masculino) o que permite um lugar apontado apenas para os deuses, ao qual o homem, na base do labirinto, se vê impossibilitado de alcançar; e ainda, a subcategoria **2 Perspectiva** a subcategoria **2 Perspectiva** que alude à associação de elementos, especificamente, na obra *Entrance to a Labyrinth*, declaradas através de um gesto indicador que apoia a orientação do olhar;

- **Intenção do autor**, tal como havia sido referido (ver pág. 6), esta subcategoria evidência o momento inicial de leitura sensível das obras associada à constituição da **Agenda da Discussão** através da 1ª Questão “Porque é que isto é 3D e não foi pintado?” IND 1 (Masculino) da qual sobreveio a escolha do autor na forma e materiais utilizados nas obras e da 2ª Questão “Porque é que escolheram um labirinto?” IND 11 (Feminino) que refere a escolha de tema.

No que diz respeito a intersecções (Figura 12) não se verificam quaisquer ligações internas ou externas.



Tabela 6 – 1. Como se relacionam as obras entre si?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) (Tabela 6) apresenta, na sua quase integralidade, a questão **1. Como se relacionam as obras entre si?** com uma forte relevância para o gênero masculino e diminuta para o gênero feminino.

Assim, neste contexto, destaca-se a questão **1. Como se relacionam as obras entre si?** e a subcategoria **Correspondência de elementos**, sendo que as restantes subcategorias **Contexto teórico**, **Composição da obra** e **1 Corte vertical** apresentam graus de relevância baixos apenas para o gênero masculino, a subcategoria **2 Perspectiva** com uma relevância diminuta apenas para o gênero masculino e por fim, a subcategoria **Intenção do autor** com uma relevância diminuta para ambos os gêneros.

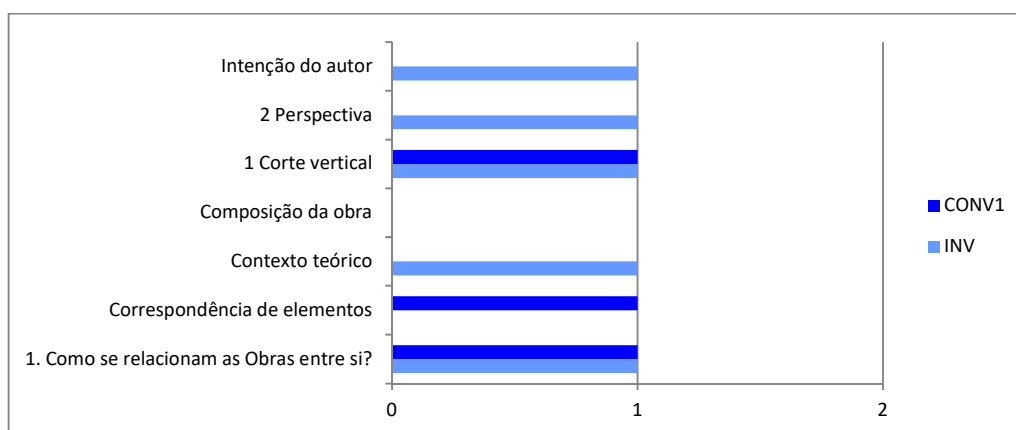


Tabela 7 – 1. Como se relacionam as obras entre si?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **1. Como se relacionam as obras entre si?** (Tabela 7) apresenta um certo contraste, na relevância das intervenções dos facilitadores com uma maior relevância sinalizada para as intervenções da INV. Pode-se também observar uma necessidade perfeitamente diminuta na moderação para a integração da teoria inerente a esta questão. Assim, questão **1. Como se relacionam as obras entre si?** apresenta uma relevância diminuta para ambos os facilitadores, a subcategoria **Correspondência de elementos** apresenta uma relevância diminuta apenas para o CONV1 e a subcategorias **Contexto teórico** uma relevância diminuta apenas para a INV. A subcategoria **Composição da obra** não apresenta qualquer registo de relevância e as subcategorias, suas subsequentes, como **1 Corte vertical** apresenta uma relevância diminuta para ambos os facilitadores e **2 Perspectiva** com uma relevância diminuta apenas para INV apresenta uma relevância diminuta

apenas para ambos os facilitadores. Por fim, a subcategoria **Intenção do autor** com uma relevância diminuta apenas para a INV.

A fraca intensidade de relevância desta 1ª Questão, no que diz respeito às questões assinaladas para caracterizar a moderação da Sessão em parceria, revela um domínio marcado da teoria associada à questão por parte das crianças-participantes, pelo que a natureza específica da moderação revela-se sobretudo na preservação de assertividade focada na questão principal Ex: “Pensem agora nestas hipóteses todas e o que é que cada uma dessas hipóteses poderá comunicar-nos? Que mensagem poderá transmitir-nos?” CONV1.

2. De que se constitui a obra *Labyrinth-Delphi*?

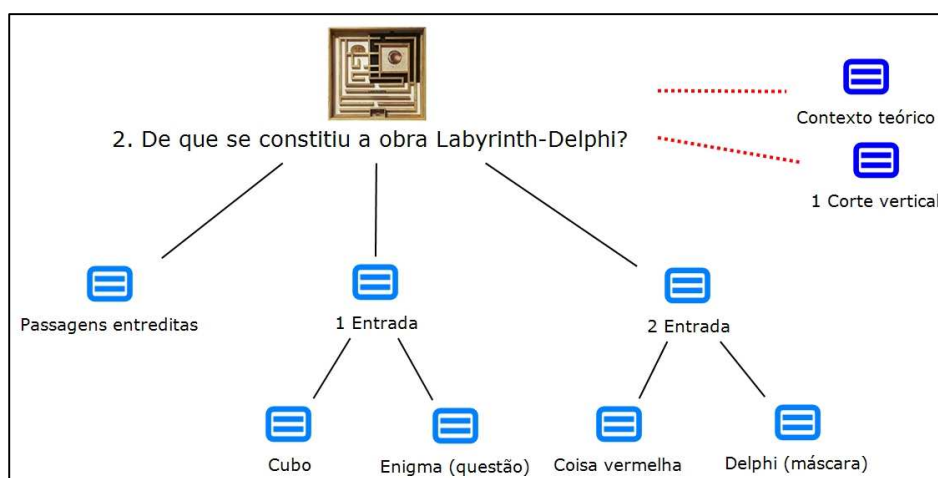


Figura 13 – 2. De que se constitui a obra *Labyrinth-Delphi*?
(Diagrama)

A questão **2. De que se constitui a obra *Labyrinth-Delphi*?** (Figura 13) apresenta uma estrutura algo simples e algo ampliada, o que revela uma estruturação focada inerente à leitura da obra em questão, porém, com uma forte necessidade teórica de a sistematizar (muito à semelhança do que já havia sido abordado aquando da ARTD).

A **2ª Questão**, que se foca totalmente na obra *Labyrinth-Delphi*, surge por associação à 3ª, 4ª e 5ª Questão da **Agenda da Discussão** que evidenciam a preocupação em deslindar os percursos que materializam o labirinto e as relações que estes estabelecem entre si Ex: “Porque é que neste labirinto (Delphi) há sítios onde não se pode ir?” IND 3 (Feminino).

Assim, a justificação da obra *Labyrinth-Delphi* agrega a si a analogia de *planta do labirinto* que se entende, tal como é observado em exposição, na *vertical* (ou seja, observada segundo um corte vertical do labirinto), é ainda a possível representação do *oráculo*, e ainda, uma visão macro ou conceito alargado da *entrada* do labirinto representado na obra *Entrance to a Labyrinth*.

Pode-se referir que a **2ª Questão** observa ainda, na obra *Labyrinth-Delphi*, outras circunstâncias revelantes para o sentido da sua interpretação:

- **Passagens entreditas**, ou seja, passagens *sem saída* uma vez que se identificam como *sítios onde não se pode ir* Ex: “Posso dizer uma coisa aquele é o deus e aquele é o oráculo, então aquela porta que pelos vistos está fechada, pode ser a porta para o mundo superior, para o mundo dos deuses e que está fechado às pessoas. Então porque é que a saída está impedida de passar?”

Porque é a entrada para o mundo dos deuses.” IND 8 (Masculino);

- **1 Entrada** apesar de estar representada encontra-se selada “Tem um buraco ali no quadrado, no rectângulo falta um buraco!” IND 8 (Masculino) o que induz à leitura da possibilidade de uma interdição. Por sua vez, esta possível interdição revê-se no elemento que ocupa essa entrada, o **Cubo** ou *crystal* Ex: “Esta coisinha, dentro da caixa.” IND 4 (Masculino), assim, o *crystal* que adquire a qualidade de “Um cristal à imagem de Deus!” IND 6 (Masculino) ser uma *pessoa que deve querer entrar* no labirinto, melhor, ao se tornar objecto teórico de interpretação o *crystal* prolonga-se para uma outra dimensão mais mordaz Ex: “Eu acho que aquela imagem é um deus visto lá de cima. E com a ideia do [IND 8] que o labirinto é assim [vertical], se os deuses vêem lá de cima, e aquela máscara pode ser um deus, aquilo pode ser uma pessoa e aquela bola pode ser o oráculo porque aquela pessoa não chega ao alcance de um oráculo nem de um deus.” IND 1 (Masculino). Fica então localizado o **Enigma (questão)** sem desenlace: a *entrada interdita* para o *labirinto* onde se situa o *crystal* pode ser a representação da “ (...) pessoa que foi questionada [pelos deuses] mas também pode ser a questão [colocada ao oráculo], pode ser uma dessas coisas!” IND 10 (Masculino);

- **2 Entrada (zona negra)** reporta-se à zona superior da obra, que no contexto narrativo corresponde à *entrada para o mundo dos deuses e/ou do oráculo*, mantém o mesmo tipo de estruturação por analogia mas agora em associação directa com a obra *Entrance to a Labyrinth* Ex: “Eu acho que é como aquela parte negra (1) fosse a entrada (2) porque aquilo também é um bocado escuro. A entrada, como aquele quadrado que está ali (2). Aquilo também tem uma forma de um quadrado (2) e se calhar é a entrada do labirinto (1). Aquela bola (1) é a bola azul mais a bola preta com as coisas vermelhas (2) vista do outro lado.” IND 8 (Masculino). Esta **2 Entrada (zona negra)** agrega ainda as seguintes alusões: a **Coisa Vermelha** por analogia directa ao *fogo (the red thing ou a coisa vermelha ou bússola no mundo* referenciada na obra *Entrance to a Labyrinth*) observa a natureza prescrita do ser humano Ex: “Eu estive a pensar, não se pode entrar nestes sítios, nem naquela coisa que parece uma bola, nem naquele rosto. Então, eu pensei que se os humanos, os seres mortais, estão sempre separados dos deuses por alguma coisa, não se pode entrar, pode ficar-se perto para falar, mas não se pode juntar a eles. E depois, quanto à bola, a primeira coisa que me fez lembrar a palavra “Oráculo”, antes do [CONV1] dizer, uma espécie de um buraco na Terra: ora oráculo, e com aquilo pode ser o caminho, ou o aviso, ou qualquer coisa de onde se entra e se vai falar com Deus, o Oráculo...” IND 3 (Feminino), e posteriormente, ao lugar de *deus* “Aquele é o deus e aquele é o oráculo, então aquela porta que pelos vistos está fechada, pode ser a porta para o mundo superior, para o mundo dos deuses e que está fechado às pessoas. Então porque é que a saída está impedida de passar? Porque é a entrada para o mundo dos deuses!” IND 8 (Masculino). **Delphi**, ou antes, o significado de *Delphi* ou Delfos foi inicialmente introduzido e esclarecido pelo CONV1 e posteriormente, quando se questionou o facto de estar escrito sob a *máscara* revela-se como uma leitura explicativa directa de um elemento constituinte integrado na própria obra. O elemento **Delphi** prolonga-se em possíveis contextualizações, tal como, a de uma pessoa no labirinto que é a sua própria vida Ex: “Pronto, aquilo [coisa vermelha] pode representar um enigma que um deles tenha dado a uma pessoa e aqueles olhos são a pessoa no labirinto, é como se fosse o labirinto da vida dessa pessoa. Sei lá, pode ser!” IND 7 (Feminino).

No que diz respeito às intersecções (Figura 13) verificam-se intersecções externas de associação à **1. Como se relacionam as obras entre si?** através da subcategoria **Contexto Teórico** e da subcategoria **1 Corte vertical** (integrada na estrutura da subcategoria **Composição da obra**).

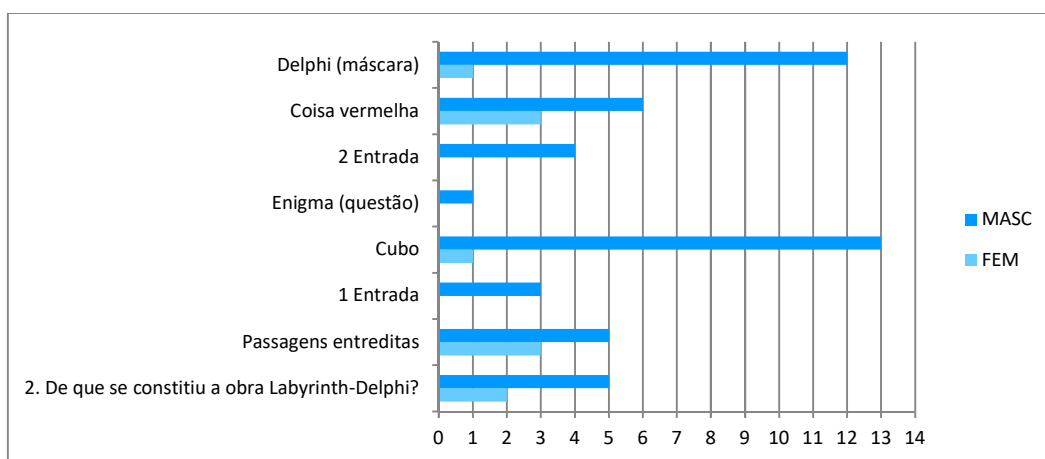


Tabela 8 – 2. De que se constitui a obra *Labyrinth-Delphi*?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) (Tabela 8) apresenta, na sua generalidade, a questão **2. De que se constitui a obra *Labyrinth-Delphi*?** com uma forte relevância para o gênero masculino e algo parca para o gênero feminino.

Assim, neste contexto, a questão **2. De que se constitui a obra *Labyrinth-Delphi*?** e a subcategoria **Passagens entreditas** apresentam graus de relevância médios-baixos para o gênero masculino. A subcategoria **1 Entrada** apresenta uma relevância baixa apenas para o gênero masculino, porém, estende-se à subcategoria **Cubo** que apresenta um grau de relevância elevado para o gênero masculino e diminuto para o gênero feminino, e ainda à subcategoria **Enigma (questão)** que apresenta um grau de relevância diminuto apenas para o gênero masculino. A subcategoria **2 Entrada** apresenta uma relevância média-baixa apenas para o gênero masculino, e estende-se à subcategoria **Coisa vermelha** com um grau de relevância média para o gênero masculino e baixo para o gênero feminino, por sua vez a subcategoria **Delphi (máscara)** apresenta um grau de relevância elevado para o gênero masculino e diminuto para o gênero feminino.

Esta ARDG (crianças-participantes) destaca, no que diz respeito ao interesse de relevância discursiva, uma forte inclinação do gênero masculino para as temáticas que estruturam a subcategoria **Cubo** e a subcategoria **Delphi (máscara)**.

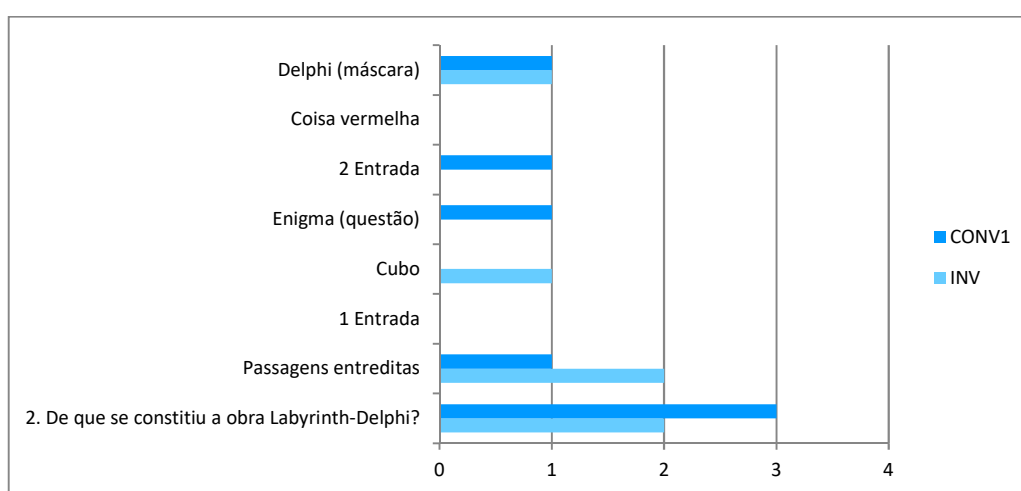


Tabela 9 – 2. De que se constitui a obra *Labyrinth-Delphi*?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **2. De que se constitui a obra *Labyrinth-Delphi*?** (Tabela 9) apresenta fraco contraste no que diz respeito à relevância das intervenções dos facilitadores. Pode-se também afirmar, à semelhança da questão anteriormente analisada, que a necessidade de moderação para a integração da teoria mantém um carácter diminuto.

Assim, a questão **2. De que se constitui a obra *Labyrinth-Delphi*?** apresenta uma maior intensidade com uma leve preponderância para o CONV1, a subcategoria **Passagens entreditas** apresenta uma maior influência para as intervenções da INV, porém, de pouco destaque em relação às proferidas pelo CONV1. A subcategoria **1 Entrada** e **Coisa vermelha** não registou qualquer necessidade de qualquer intervenção de relevância para a moderação que se enquadrasse das suas estruturas teóricas. A subcategoria **Cubo** apresenta uma qualidade de relevância de intervenção muito diminuta para a INV à semelhança das subcategorias **Enigma (questão)** e **2 Entrada** geridas pelas intervenções do CONV1. Por último, a subcategoria **Delphi (máscara)** apresenta uma relevância de intervenção diminuta para ambos os facilitadores.

A fraca intensidade das intervenções observadas em equilíbrio com a maior extensão teórica da 2ª Questão, suporta a natureza da moderação em parceria focada, desde sempre, na preservação da assertividade das argumentações por parte das crianças-participantes Ex: “Como se o labirinto existisse mesmo na vertical, tal como estamos a ver!” CONV1, ou ainda, Ex: “Uma pessoa é um cristal à entrada do labirinto?” INV.

3. De que se constitui a obra *Entrance to a Labyrinth*?

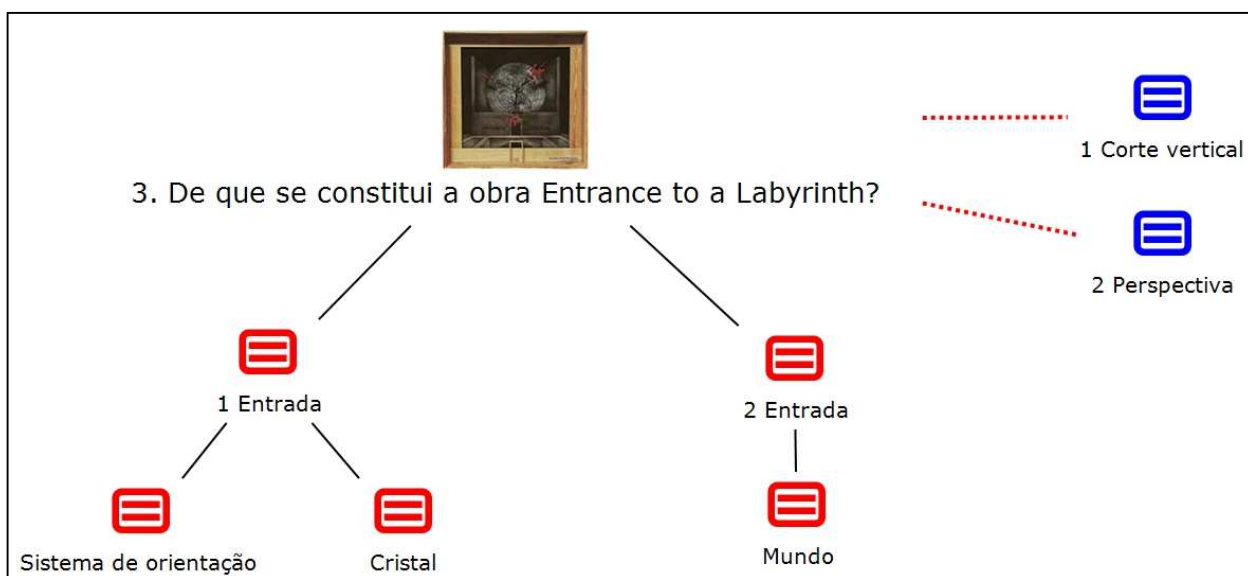


Figura 14 – 3. De que se constitui a obra *Entrance to a Labyrinth*?
(Diagrama)

A questão **3. De que se constitui a obra *Entrance to a Labyrinth*?** (Figura 14) apresenta uma estrutura simples mas algo ampliada, o que revela uma estruturação focada por uma forte necessidade teórica de sistematizar a leitura da obra em referência.

A **3ª Questão**, que se foca totalmente na obra *Entrance to a Labyrinth* surge por associação à 6ª Questão “Porque é que na entrada do labirinto está esta espécie de mundo com prédios à frente e uma espécie de sistema estelar?” IND 8 (Masculino) que evidenciou a análise directa dos elementos que constituem a obra em relação aos *diferentes* planos representação.

Tal como havia sido referido anteriormente, os elementos que constituíram a subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** foram os primeiros a ser apontados na **Discussão**, logo após ao fecho da **Agenda da Discussão**, aquando do identificado e estruturado *sistema de orientação*. Porém, e apesar da questão **3. De que se constitui a obra Entrance to a Labyrinth?** surgir da 6ª Questão da **Agenda da Discussão**, é a observação “Onde é a entrada e a saída deste labirinto? Porque é que na entrada deste labirinto tem uma espécie de planeta Terra com prédios por cima da bola?” IND 8 (Masculino) que melhor explora alguma estrutura de consistência de leitura da obra pois permite abordar uma análise directa dos elementos que a constituem.

Assim, esclarecesse fenómeno, ou antes, usasse da pretensão de quem quer dar resposta ao conflito: “(...) este é a entrada do labirinto como se fosses tu a entrar no labirinto (...)” IND 6 (Masculino). O conflito resume-se então à identificação das *duas portas* ou entradas:

- **1 Entrada** representada sobre o próprio vidro com a aparência de um **Sistema de orientação**, organiza-se como uma *bússola-mundo com prédios* ou como um *mapa* que permite a orientação dentro do próprio *labirinto* ou, ainda, como um *relógio* que avisa o tempo que se tem para sair do labirinto, onde também foi colocado um **Cristal** cuja significação é difusa e desorientadora;

- **2 Entrada** situa-se no plano de fundo da obra como um *Sistema estrelado* para o qual a entrada se apresenta escura, por sua vez, esta entrada escura dá acesso ao **Mundo** que se associa à *coisa vermelha* da obra *Labyrinth-Delphi*.

No que diz respeito às intersecções (Figura 14) verificam-se intersecções externas de associação à **1ª Questão** através da sua subcategoria **Composição da obra** (subcategoria **1 Corte vertical** e **2 Perspectiva**).

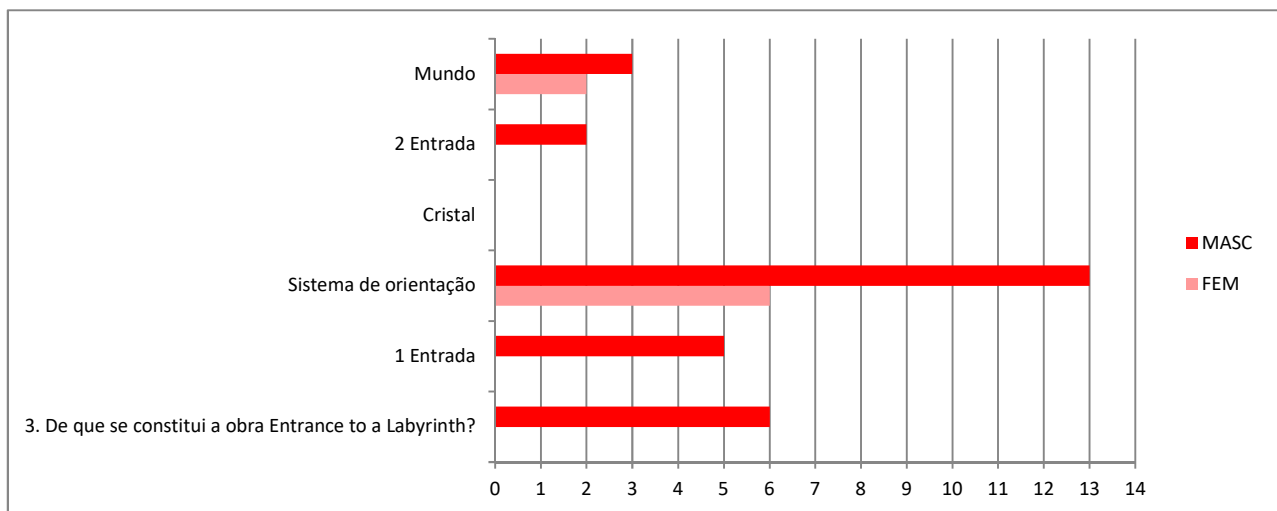


Tabela 10 – 3. De que se constitui a obra *Entrance to a Labyrinth*?
(ARDG - Crianças-participantes)

A questão **3. De que se constitui a obra Entrance to a Labyrinth?** (Tabela 10) apresenta, para a generalidade do fenómeno em análise, uma forte relevância para o género masculino e moderada para o género feminino.

Assim, neste contexto, a questão **3. De que se constitui a obra Entrance to a Labyrinth?** e a sua subcategoria **1 Entrada** apresentam graus de relevância médios-baixo apenas para o género masculino; esta última estende-se ainda à subcategoria **Sistemas de orientação** que apresenta uma relevância elevada para o género masculino e média-baixa para o género feminino. A subcategoria **Cristal** surge apenas no discurso da INV pelo que nesta análise não consubstancia qualquer relevância de

conteúdo discursivo por parte das crianças-participantes. A subcategoria **2 Entrada** apresenta uma relevância diminuta apenas para o género masculino e a subcategoria **Mundo**, que se lhe associa directamente, apresenta uma relevância baixa para ambos os géneros.

Esta ARDG (Crianças-participantes) destaca em especial, no que diz respeito ao interesse de relevância discursiva, uma forte inclinação do género masculino para a temática que procurou estruturar e dar resposta através da subcategoria **Sistemas de orientação**.

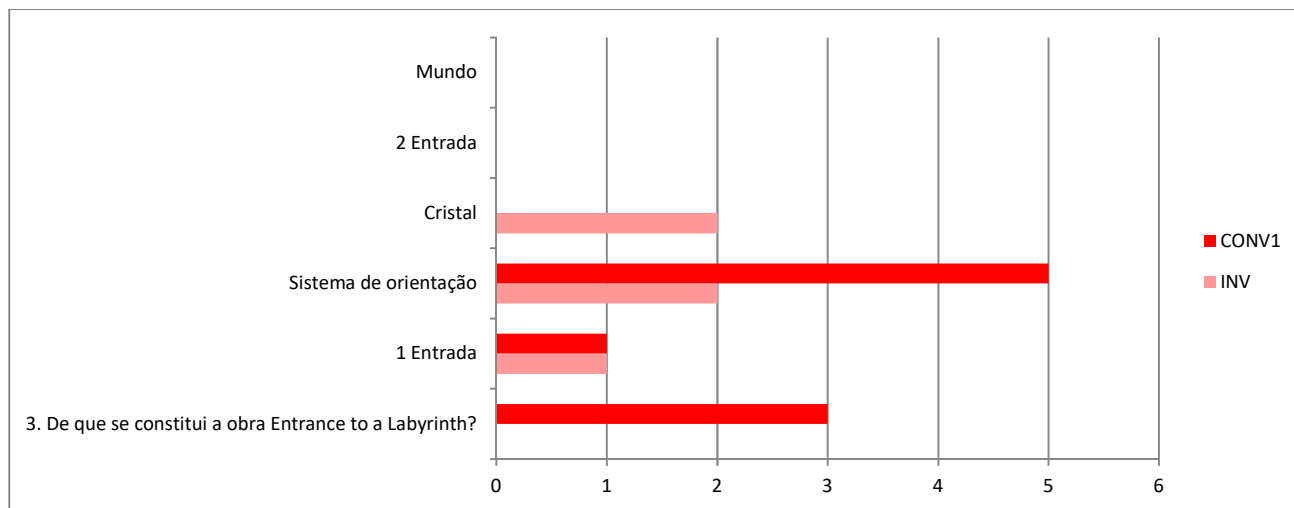


Tabela 11 – 3. De que se constitui a obra *Entrance to a Labyrinth?*?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **3. De que se constitui a obra *Entrance to a Labyrinth?*** (Tabela 11) apresenta um forte contraste no que diz respeito à relevância das intervenções dos facilitadores. Assim, a questão **3. De que se constitui a obra *Entrance to a Labyrinth?*** apresenta uma maior intensidade com uma leve preponderância para o CONV1 verificada nos registos que constituem a subcategoria **Sistemas de orientação** apresenta uma maior influencia para as intervenções do CONV1 Ex: “Vamos supor que é uma bússola como tu intuis. O que é que isso poderá querer dizer? Caso seja uma bússola, o que é que tu achas que pode querer dizer?” e uma baixa intervenção da INV

As restantes subcategorias apresentaram uma fraca relevância para a moderação da **Discussão**, porém, a **3. De que se constitui a obra *Entrance to a Labyrinth?*** apresenta um grau de relevância médio apenas para o CONV1 que incidiu em conteúdos de abertura para possíveis linhas teóricas de discussão “(...) No fundo o que está à frente é uma réplica do que está ao fundo.”. A subcategoria **1 Entrada** registou-se de interesse diminuto uma vez que se ficou no esclarecimento da localização do que foi entendido como *1 Entrada*. A subcategoria **Cristal**, na constituição teórica desta ARDG, **foi apenas** referida pela INV com o intuito de instigar a uma identificação do elemento à semelhança do que havia sido referido para a obra *Labyrinth-Delphi*.

À semelhança da questão anteriormente analisada, a indispensabilidade de moderação para a integração da teoria conserva uma fraca intensidade das intervenções observadas, o que simulamento revela como a natureza da moderação em parceria sustenta-se e focada desde sempre, na preservação da assertividade das argumentações por parte das crianças-participantes.

4. O que se entende por *labirinto*?

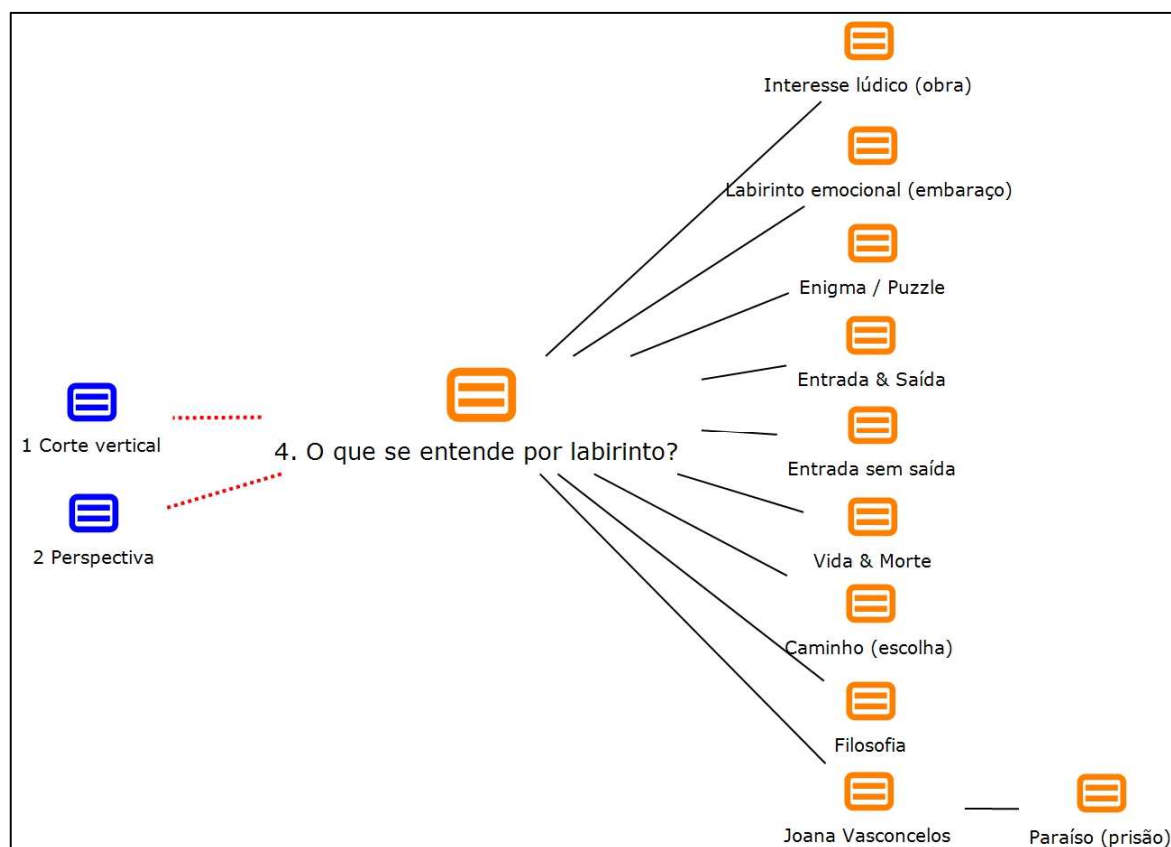


Figura 15 – 4. O que se entende por *labirinto*?
(Diagrama)

A questão **4. O que se entende por *labirinto*?** (Figura 15) apresenta uma estrutura linear, extensa e elementar que revela, tal como já havia sido anteriormente referido, a sua natureza exemplificativa e conclusiva. Assim, surge por intervenção da INV, visivelmente aprovada pelo CONV1, em que foi solicitado às crianças-participantes que reflectissem individualmente sobre a sua própria ideia ou *conceito de labirinto* “Vou colocar-vos uma questão: Nós, enquanto observadores, estamos na frente de duas obras: uma é um labirinto planificado, a outra dá-nos a entrada do labirinto com um suposto mecanismo de orientação, seja ele bússola ou relógio, mas não deixam de ser duas peças criadas pelo artista. Nós, do lado de cá, o que é que nós entendemos deste labirinto? Nós enquanto [observadores], cada um vocês? Se calhar há vários labirintos, se calhar há só um.”

Em conformidade com o contexto acima descrito pode-se observar que a questão **4. O que se entende por *labirinto*?** constituiu-se das várias intervenções que visavam responder à incitação em conformidade com o que já havia sido experimentado e ponderado anteriormente em torno da ideia *Labirinto*.

Assim, a **4ª Questão** permitiu as seguintes subcategorias:

- **Interesse lúdico (obra)** momento decisivo na coesão de participação colectiva uma vez que se trata do primeiro registo argumentativo da IND 11 (Feminino) que revelou o seu entendimento de relação com a obra como acto lúdico opcional e por isso, a constituir-se é sempre facultativo Ex: “Eu acho que este artista escolheu o labirinto porque é interessante para as pessoas verem. [o que chama mais à atenção na obra é] Tentar descobrir a saída.”;

- **Labirinto emocional (embaraço)** evocado pela IND 3 (Feminino) excede a ideia de labirinto para a ilustração metafórica da vivência prática do livre-arbítrio Ex: "Para mim um labirinto é uma coisa complicada. Normalmente quando nos chateamos e fazemos alguma coisa, assim: "É pá, porque é que eu fiz isto?", vemo-nos dentro de um labirinto, porque depois temos de ir fazer várias coisas para conseguir pôr todo novo, que são neste caso os caminhos. Tem alguma coisa a ver com os vários caminhos que podemos seguir para resolver, para sair na saída. É uma coisa que nos mata e que não é sempre muito agradável estar enrodilhada, como os nossos cabelos e não se conseguir sair. Por mais que se tente, por vezes, desiste-se!", porém, a sua carga emocional que imprime a sua interpretação abarcar o fardo vivencial do labirinto enquanto lugar da vida (*tudo isto é um labirinto, para nós tudo é um labirinto*) onde se revela a solidão própria à existência humana (*com alguém connosco, nós já não achamos que é um labirinto*) observada pela concepção do IND 9 (Masculino) Ex: "Eu acho que um labirinto é quando estamos perdidos. Tudo isto é um labirinto, para nós tudo é um labirinto e com alguém connosco, nós já não achamos que é um labirinto, achamos que é uma coisa normal!";

- **Enigma / Puzzle** anuncia alusões facultadas pelos facilitadores no âmbito da temática *labirinto*, e que se revelaram seja através de: referências literárias associadas a mitos grego-romanos "(...) os deuses para gozarem connosco concediam o que nós desejávamos mas depois não sabemos quais serão as consequências." IND 1 (Masculino); a uma interpretação partilhada desses mesmos mitos em que se observou a ideia de labirinto como um lugar de prisão inevitável Ex: "Um labirinto para mim é um lugar em que entras mas que depois perdeste... praticamente entras perdido e é impossível, não há escapatória... Para mim um labirinto não há escapatória, é um sítio, um lugar em que o objectivo é perder-se (...)." IND 5 (Masculino); ou ainda, o registo da vivência da obra, das suas opções de *caminho* enquanto experiência fundadora, com correspondências directas a outras experiências cujo fluxo de associações compõe, estrutura e reestrutura uma ideia maior e constituinte do ser, que neste caso, é a criança-participante Ex: "O meu labirinto é como um puzzle: tu tentas sempre fazer mas podes muitas vezes não conseguir. Num puzzle tu podes tentar pôr uma peça mas não consegues, num labirinto podes tentar um caminho mas ele não vai lá dar. É como um puzzle, é um enigma!";

- **Entrada & saída** mantém a correspondência teórica anterior de ambiguidade face ao *afastamento que remete sempre ao regresso* como a impossibilidade de nos afastarmos do planeta Terra, ou o *labirinto* como "(...) um sítio com entrada mas sem saída, a saída é a entrada, porque também podes entrar por esse lado, por isso, é como se não tivesse saída, ou como só tivesse saídas." IND 8 (Masculino), ou ainda, um conceito de labirinto como uma *circunstância de encurralamento* "Para mim um labirinto é um beco sem saída mas com entrada: pode-se entrar mas depois não se consegue sair, tipo, só pela entrada, não se consegue entrar pela saída!" IND 2 (Masculino);

- **Entrada sem saída** observa uma teorização que nos oferece uma observação particularizada das qualidades que especificam o exemplo anterior de um possível *afastamento do planeta Terra ao qual não resistiríamos por ausência de oxigénio* "(...) A terra: nós nunca entramos na Terra, nascemos na Terra mas nunca entrámos na Terra já cá estávamos antes de nascer.", e que necessitou da intervenção da INV para uma melhor clarificação, assim, foi sugerido que o planeta Terra é uma entrada sem saída, uma vez que nascemos condenados a permanecer na superfície de um planeta onde não entramos "(...) Estamos sempre à porta, sem entrar!" INV, e isto, se o intento é *continuar vivo*;

- **Vida & Morte** é um conceito encarado como a entrada do labirinto no momento em que se nasce, onde se vive, e do qual cada um se liberta no momento da morte, porém, é possível ainda que depois da libertação deste labirinto se entre num outro que remete de novo à vida Ex: "Para mim um labirinto pode ser mesmo a nossa vida, e quando nós nascemos entramos no labirinto. Há medida que vamos crescendo, vão aparecendo mais caminhos e é cada vez mais difícil. (...) Quando morres encontras a

saída! IND 7 (Feminino). Tal como na ARTD, a referida saída considera a possibilidade, inconfirmável, de um *labirinto Paraíso* ou de um *labirinto Inferno* e esta diferença de escolha *de caminhos* “é como se fosse uma armadilha: se nós seguirmos pelo simples vamos parar ao inferno em vez de seguirmos o complicado que vamos parar ao céu! IND 7 (Feminino).

A possibilidade de o labirinto constituir-se como a própria morte Ex: “Acho que o meu labirinto é simples: é a vida é um labirinto, entras, e a saída é a morte e provavelmente vais se para um pior. Para um ainda mais difícil!” IND 4 Masculino que, tal como já havia sido observado, alteou o nível das argumentações para um nível de perspicácia auxiliada por um cepticismo lógico que revestiu a intervenção do IND 1 “O [IND 4] disse: quando se morre vai-se para um labirinto pior, então, se vai para um labirinto pior não vale a pena morrer! (...) Não se pode sobreviver sempre à morte, pá!”;

- **Filosofia** compõe-se de um modo idêntico ao observado na ARTD (ver pág. 16) em que uma opinião referida pelo IND 8, fora do contexto da Sessão, serviu o propósito da INV de introduzir na discussão outra vertente significativa para o *conceito de labirinto* e mesmo porque o mesmo se circunscrevia teoricamente no propósito da questão principal desta investigação. Assim, tal como já havia sido relatado, num momento de comportamentos mais agitados esta questão foi lançada para a Discussão, pelo que se registaram as argumentações complementares e reveladoras de uma noção alicerçada Ex: “E há várias soluções para cada pergunta, por isso, é uma árvore representada com muitos ramos!” IND 4 (Masculino) e Ex: “Há várias soluções... não, porque a filosofia é um labirinto? porque há mais do que uma resposta, uma resposta dá origem a um pergunta e depois dá-se outra resposta que dá origem a outra pergunta ... e outra resposta e outra pergunta e nunca mais acaba...” IND 6 (Masculino);

- **Joana Vasconcelos** revela uma ocorrência concisa de alusão a teorias elaboradas na Sessão anterior, pelo que, se regista um aprofundamento teórico, interior a cada indivíduo, que se mantém latente e que emerge em discussão enquanto pensamento constituído a ser aplicado perante o desafio de um novo objecto de arte. Assim, IND 10 (Masculino) introduz a questão ao sugerir uma proposta teórica que conceptualiza o *conceito de labirinto* estruturada na experiência estética que havia usufruído na 7ª Sessão da instalação *Paraíso do Éden (Labirinto)* da artista plástica Joana Vasconcelos Ex: “Na joana Vasconcelos nós falamos na possibilidade de um labirinto ser bom, tal como um paraíso, e eu acho que um labirinto pode ser bom ou mau: podes não querer sair ou não conseguir sair.” IND 10 (Masculino). Porém, esta abordagem sofre uma contestação significativa que obrigou a que a subcategoria **Joana Vasconcelos** se estende-se à subcategoria **Paraíso (prisão)** que permite validar as qualidades necessárias de uma argumentação que se quer crítica, criativa e interventiva Ex: “Correção! O [IND 10] disse que quando fomos à Joana Vasconcelos imaginámos um labirinto como uma coisa boa. O que eu me lembro, do que falámos na Joana Vasconcelos, chegámos à conclusão de que não era uma coisa boa: o paraíso no início era uma coisa boa mas depois querias sair mas não conseguias.” IND 6 (Masculino), de facto o próprio IND 10 justifica a sua argumentação ao afirmar que esse *paraíso (prisão)* “Pode ser, por exemplo, um sítio em que tens tudo o que sempre desejaste mas depois não consegues sair porque tens lá tudo o que sempre quiseste e não tens coragem de sair de lá.”. Ou seja, as ideias subjacentes à instalação *Paraíso do Éden (Labirinto)* são que este pode ter uma conexão *boa*, idêntica ao ideal do Paraíso, ou *má*, porque pode prender pelo que ali se usufruir.

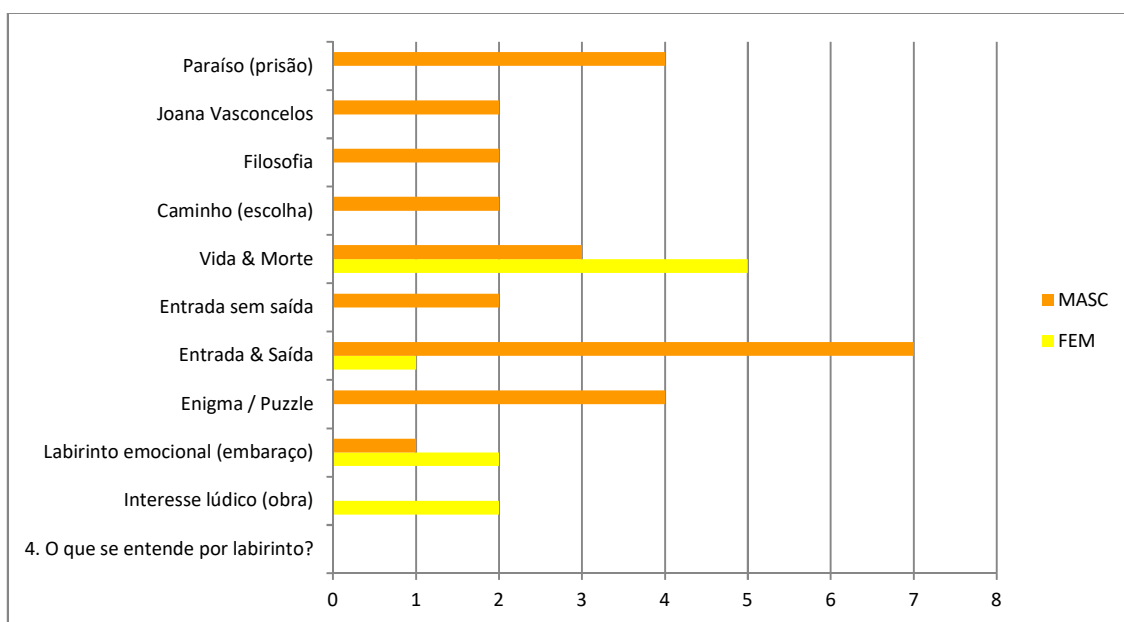


Tabela 12 – 4. O que se entende por *labirinto*?
(ARDG - Crianças-participantes)

A questão **4. O que se entende por labirinto?** (Tabela 12) apresenta, para a generalidade do fenómeno em análise, uma forte relevância para o género masculino e relevância muito baixa para o género feminino.

Assim, neste contexto, a questão **4. O que se entende por labirinto?** não apresenta qualquer registo de relevância para as crianças-participantes (mesmo porque foi uma questão que surgiu directamente da moderação da própria Discussão); a subcategoria **Interesse lúdico (obra)** que apresenta uma relevância muito baixa apenas para o género feminino; a subcategoria **Labirinto emocional (emocional)** apresenta uma relevância muito baixa para ambos os géneros; a subcategoria **Enigma / Puzzle** manifesta uma relevância média apenas para o género masculino; a subcategoria **Entrada & Saída** apresenta uma relevância elevada para o género masculino e escassa para o género feminino; a subcategoria **Entrada sem saída** apresenta uma relevância muito baixa apenas para o género masculino; a subcategoria **Vida & Morte** manifesta-se com uma relevância média-alta para o género feminino e média para o género masculino; as subcategorias **Caminho (escolha)**, **Filosofia** e **Joana Vasconcelos** apresentam relevâncias baixas apenas para o género masculino, sendo que a subcategoria **Joana Vasconcelos** estende-se ainda à subcategoria **Paraíso (prisão)** que manifesta uma relevância média apenas para o género masculino.

A ARDG qualitativa ofereceu a amplitude, não de um foco intensivo de referências, mas de como a teoria cosntituída ofereceu o enraizamento necessário aos conceitos abordados. Neste caso específico, e tendo em conta o pouco tempo com que as crianças-participantes se debateram com a temática em questão, essa ligação qualitativa verificou-se a praticabilidade dos pressupostos a que esta investigação se propôs, bem como, aferiu as circunstâncias necessárias para que os propósitos da Filosofia com Crianças fossem consubstanciados no pensamento argumentativo das crianças-participantes, mesmo para as que se entusiasmaram a participar na **Discussão** pela primeira vez, como foi o caso da IND 11 (Feminino).

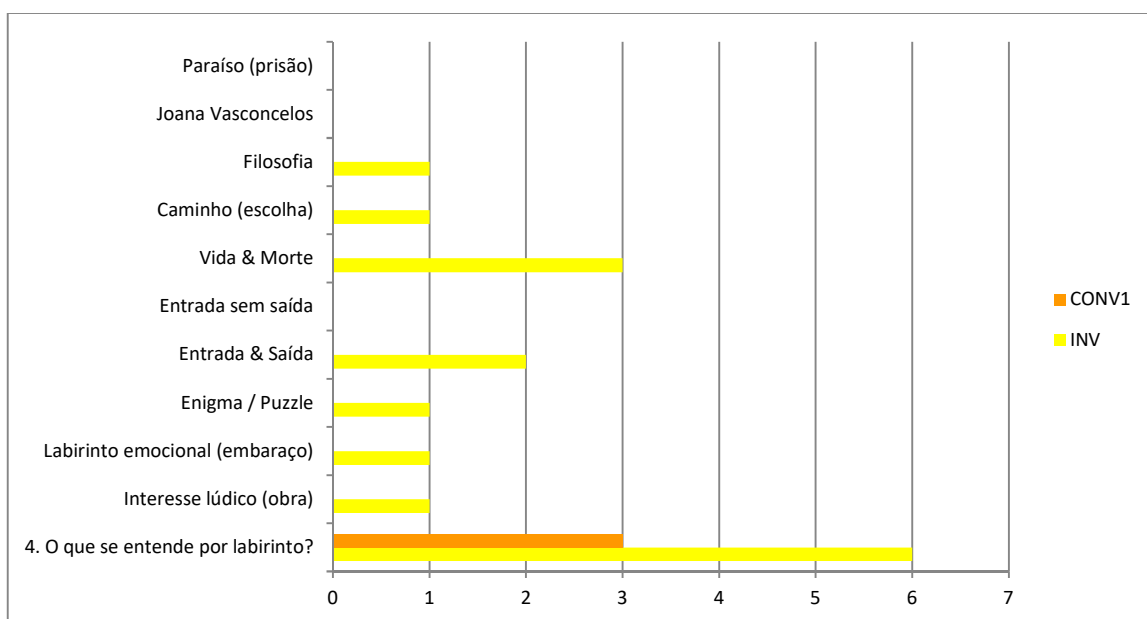


Tabela 13 – 4. O que se entende por *labirinto*?
(ARDG – Adultos)

A questão **O que se entende por *labirinto*?** (Tabela 13) apresenta um forte contraste, na relevância das intervenções dos facilitadores com uma maior incidência para as intervenções da INV.

Em primeiro lugar, revela-se a forte intenção na instigação impulsionada à própria questão que surge por intervenção da INV e que foi visivelmente aprovada pelo CONV1, em segundo lugar, o facto de não terem sido registadas mais intervenções de relevância por parte do CONV1 anuncia o forte empenho e a boa interação na moderação da **Discussão** por parte da INV, por último, a fraca relevância das intervenções releva como as crianças-participantes dispensam de intervenções contínuas de instigação ou esclarecimento.

ANÁLISE ETNOGRAFICA DO REGISTO DE VIDEO

Para a AERV desta Sessão adaptou-se por uma abordagem dedutiva, na medida em que foi observado um evento específico e fortemente conduzido pela questão desta investigação, e que foi anteriormente objectivado e delineado no R1A.

Esta análise mantém o protocolo assumido e teve em conta: a relação dos comportamentos físicos com o espaço físico envolvente; desses comportamentos físicos com as obras previamente seleccionadas; e ainda, a associação dos comportamentos físicos aos momentos e à qualidade dos discursos dos intervenientes.

Assim, a AERV mantém-se organizada de acordo com dois momentos específicos: 1º Momento refere-se aos comportamentos referentes ao momento em que as crianças-participantes entraram em contacto com o espaço onde as obras estavam expostas e a observação directa das mesmas; o 2º Momento refere-se aos registos comportamentais durante o decorrer da própria Sessão.

Análise etnográfica do registo de vídeo

TEMPO	CATEGORIA	ACÇÃO	CONTEXTUALIZAÇÃO	OBSERVAÇÃO
1º Momento		Entrada no espaço onde as obras estão localizadas	Posicionamento da câmara e das crianças-participantes em posição de meia-lua defronte para as obras seleccionadas	Apropriação do espaço Integração no meio: Nenhuma presença de segurança e de qualquer funcionária
2º Momento	AGENDA DA DISCUSSÃO	Início da 8ª Sessão A CONV1 explica enquadramento narrativo Início da Agenda da Discussão Registo e leitura das questões CONV1 regista questões	CONV1 colocasse entre as obras e as crianças-participantes e associa as mesmas aos seus títulos, enquadrando a significação dos conceitos ou contextos a que remetem. CONV1 retirasse de frente das obras, INV lembra tema da 2ª Sessão: Édipo e a Esfinge INV dá início à abertura da Agenda da Discussão IND 1 inscreve-se na discussão (dedo no ar) e coloca 1ª questão IND 11 inscreve-se na discussão (dedo no ar) IND 3 inscreve-se na discussão (dedo no ar) IND 8 inscreve-se na discussão (dedo no ar) e mantém-se de joelhos, procura MP4 como garante do registo da sua intervenção (IND 8 intervém apontando para a obra a que se está a referir) IND 3 inscrevesse na discussão (dedo no ar) - abre discussão INV pede a IND1 que se ponha direito e entrega silenciosamente MP4 ao grupo IND5 aproxima-se das obras.	Dinâmica comportamental: comportamentos empáticos, atentos e de respeito pelas regras da discussão. Moderação conjunta entre INV e CONV1 Dinâmica comportamental: Olhares atentos e respostas rápidas. Comportamentos físicos compostos IND1 recosta-se para trás, IND 5 brinca com as mãos e IND 11 brinca com cordel IND10 deita-se Olhares observam a obra verificando a pertinência da questão. Conversam entre si. IND7 comportamento alheado Alguns comentários isolados
00:02:23				
00:04:56		Aproximação à obra		
00:06:56	DISCUSSÃO		CONV1 dá início à Discussão	Dinâmica comportamental: INV coloca Agenda da junto às obras Comportamentos atentos
			(burburinho intenso)	CONV1 chama atenção para calar

00:07:37	Entrance to a Labyrinth	Aproximação à obra	Intervenção de IND 3 e IND 8	Comportamentos agitados CONV1 repreende (conversas cruzadas) Relação directa com a obra IND 1 deita-se completamente no chão de barriga para cima Comportamentos observadores
00:08:02			IND 9, IND 10 e IND 5 iniciam elações em grupo. CONV1 intervém	
00:08:48			IND8 aproximasse da obra e fica entre esta e o CONV1 CONV1 ajuda IND8 a formular melhor a pergunta Pausa para o CONV1 registar pergunta CONV1 intervém para dar palavra à IND3 CONV1 intervém para enquadrar referências de IND 8 e de IND3 IND 3 intervém CONV1 instiga a uma melhor esclarecimento IND6 inscrevesse na discussão (dedo no ar)	
00:09:41	Planta do labirinto Entrada no labirinto	Aproximação à obra	IND 4 comenta intervenção de IND 6	IND10 mantém-se deitado de barriga para baixo e IND1 de barriga para cima IND 11 alheada; restantes membros do grupo atentos à discussão e observantes da obra Comportamentos observadores e atentos IND6 intervém com atitude jocosa que é de imediato repreendida pelo CONV1; IND6 revela-se envergonhado
00:10:31			INV intervenção e pede esclarecimento IND 6 esclarece IND 6 inscreve-se na discussão (dedo no ar) IND6 espera que lhe entreguem o MP4, faz ruídos com a voz e associa entre obras elemento representado IND6 e IND4 encenam conversa a dois, num tom jocoso IND 4 inscreve-se na discussão (dedo no ar) e apresenta analogias na mesma obra mas em diferentes planos IND1 inscreve-se na discussão (dedo no ar) CONV1 esclarece amplitude de intervenção de IND4 e remete a mesma para a discussão	
00:11:06			IND 6 intervém	
00:11:20	Relógio	Aproximação à obra	IND1 inscreve-se na discussão (dedo no ar) e intervém CONV1 remete-lhe a questão	Dinâmica de discussão Instigação Registo de comportamentos atentos e focados na discussão Comportamentos atentos e de alheamento
00:13:09			Tempo Mapa	

00:14:24	HIPOTEESES		INV insiste na leitura dos elementos apontados IND4 apresenta duas hipóteses de entendimento	
00:15:00			INV intervém e causa perplexão.	Pausa silêncio constrangedor (silêncio e quietude). Observam atentos e em silêncio remetendo para si mesmos a procura de respostas às hipóteses colocadas
00:15:22			“Então, quem é que quer falar?” IND 4.	Conversas em sussurro. Hesitações em intervir
00:15:40	Ligação entre obras		CONV1 intervém para impulsionar de novo a discussão INV acentua questão associando-a à 1ª questão,	Moderação conjunta
00:15:55			IND6 associa leitura de uma obra (2) em transferência possível para o entendimento da outra (1)	Vários participantes estão deitados no chão Comportamentos agitados
00:17:10	Máscara		IND8 inscreve-se na discussão (dedo no ar) IND 5 intervém IND 6 intervém	
			Conversas cruzadas	
00:17:28	Labyrinth-Delphi Entrance to a Labyrinth HIPOTESE		IND8 coloca-se de joelhos e apresenta a sua argumentação apontando alternado a obra a que se está a referir. No final vira a mão para cima exemplificando gestualmente que a obra (1) é a planificação da obra (2). IND5 acompanha intervenção IND8 INV instiga IND8 pede para se aproximar da obra	CONV1 levanta-se e pede aos que estão deitados que se sentem CONV1 passeia-se por detrás das crianças-participantes apontando para as obras e colocando questões (a própria instigação necessita de observar e de aproximação à obra)
00:18:45			IND5 intervém	
00:19:53			CONV1 mantém-se de pé e passa o MP4 à IND7 que se mantém inscrita passivamente na discussão	CONV1 lê a Agenda da Discussão (moderação activa)
00:20:37		Aproximação à obra	IND 5 inscreve-se na discussão (dedo no ar), e intervém com aproximação à obra	Comportamentos atentos acompanham explanação INV instiga
00:21:17			INV questiona (relação entre obras)	
00:22:00		Aproximação à obra	IND 10 inscreve-se (dedo no ar) IND 8 inscreve-se (dedo no ar), aproxima-se da obra	
00:22:48			CONV1 esclarece	
00:22:05		Aproximação à obra	IND4 intervém por instigação da INV IND5 aproxima-se na obra (2) e associa ambas as obras. IND10 intervém	IND7 e IND11 alheadas, restantes participantes mantêm-se atentas
00:25:42		Aproximação à obra	IND 1 intervém em paralelo com IND 4 e IND8	
00:27:01		Aproximação à obra	IND3 levanta-se para seguir movimento de exemplificação entre as obras IND8, IND6 e IND10 inscrevem-se na discussão (dedo no ar) IND5 inscreve-se na discussão (dedo no ar)	Silêncio e interiorização
00:27:40			IND3 inscreve-se na Discussão (dedo no ar)	

		Aproximação à obra	IND8 inscreve-se na Discussão (dedo no ar)	Desdobramento linguístico: ora + buraco = oráculo! Comportamentos compenetrados
00:28:37 00:29:10	Conceito de Labirinto	Aproximação à obra	IND4 inscreve-se na Discussão (dedo no ar) INV instiga por uma definição individual de labirinto IND6 comenta CONV1 contextualiza INV insiste	Comportamentos atentos e observadores das obras em associação ao que está a ser referido Registos de apatia, introspeção, cansaço que está a ser questionado
			Momento de interiorização	
00:30:29 00:32:04	Conceito de Labirinto Puzzle		IND1 inscreve-se (dedo no ar) IND6 inscreve-se (dedo no ar) INV contextualiza CONV1 retoma questão IND1 inscreve-se (dedo no ar) IND6 inscreve-se (dedo no ar) INV instiga IND 11 para que responda à sua questão da Agenda da Discussão IND8 inscreve-se (dedo no ar)	Comportamentos atentos e de alheamento
			Conversas cruzadas	INV chama a atenção
00:35:34	Conceito de Labirinto		IND8 retoma a sua explanação INV contextualiza IND3 inscreve-se na discussão (dedo no ar) IND7 inscreve-se (dedo no ar) IND9 inscreve-se (dedo no ar) IND2 inscreve-se (dedo no ar)	Comportamentos atentos e de alheamento Comportamentos agitados (várias interrupções)
			Conversas cruzadas	
00:40:51	Conceito de Labirinto		IND5 intervém olhando para as obras enquanto define o seu próprio labirinto IND10 inscreve-se na discussão (dedo no ar) INV instiga IND10 IND4 inscreve-se (dedo no ar) IND1 comenta argumentação de IND4	Comportamentos agitados e de alheamento Várias pessoas passeiam-se pela sala, porém, nenhuma das crianças-participantes se incomoda com estas presenças
00:44:47			IND6 inscreve-se (dedo no ar) IND1 comenta	Atenção & dispersão
			Conversas cruzadas	
00:46:18 00:47:01 00:47:40	A filosofia é um labirinto?		CONV1 recomenda finalização da discussão IND1 comenta argumentação de IND4 IND6 comenta que vai começar uma discussão (entre IND1 e IND5) IND 7 comenta: A filosofia é um labirinto? IND4 comenta; IND6 comenta	Comportamentos agitados Crianças-participantes dispersas e levantados; boa disposição e comportamentos animados.
Obs.: Alteração previsível à estrutura da Discussão (ocorrência de um fenómeno discursivo – colocação de Hipótese; que no entanto, mantém e sustenta ideias ou conceitos, ora vagos, ora permanentes. As crianças-participantes já não experimentam múltiplas hipóteses surgidas da Agenda da Discussão, mas da leitura directa da obra e com maior assertividade nos temas a observar. Questão da INV coagiu a que todos se pronunciassem, o que inclui, IND 2 e IND 11.				

Quadro 1 - Análise etnográfica do registo de vídeo
(Descrição)

RETRATOS E ANÁLISE DE PARTICIPAÇÃO POR INDIVÍDUO (Crianças-participantes e Adultos)

Os RAPI (Crianças-participantes e Adultos), tal como foi referenciado no R1A, apoiam a necessidade de definir, não só o modelo de participação por indivíduo em relação às categorias balizadas pela ARTD, mas também a sinalização da tipologia do carácter argumentativo de cada uma das crianças-participantes.

Visualizar o mapeamento categorial da participação de cada indivíduo (do Gráfico 1 ao Gráfico 13) e a descrição da respectiva participação na dinâmica do grupo, permitiu aceder a uma maior sensibilização das possíveis relações comportamentais e permitirá avaliar a evolução das suas participações. De igual modo foi integrado o retrato de participação dos facilitadores de modo a compreender a necessidade ou dispensabilidade das suas intervenções, o carácter e tipologia das mesmas.

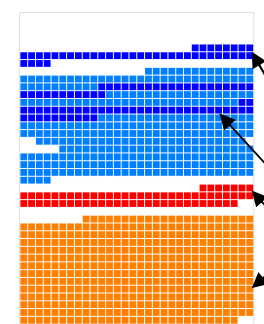


Gráfico 1 – IND 1 (Masculino)

IND 1 participou tanto na formulação da **Agenda da Discussão** como, posteriormente, durante toda a **Discussão**.

No que diz respeito à **Discussão** participou com interesse nas questões anunciadas pela subcategoria **Hipótese**, porém, revelou um maior entusiasmo na participação das subcategorias **Labyrinth-Delphi (1)** e **Conceito de Labirinto**. Para a subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** o seu interesse foi somente pontual.

As suas intervenções revelam uma natureza maioritariamente intuitiva, porém, nesta Sessão, insurge-se num momento de algum cepticismo no final da **Discussão** numa intervenção a pare com o IND4.

A participação do IND 1 é atenta, o seu tom de voz é cordial e entusiasta (teve de ser chamado à atenção para que não interrompesse outras intervenções).

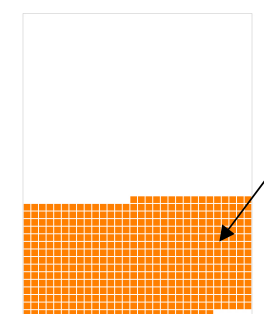


Gráfico 2 – IND 2 (Masculino)

O IND 2 mantém um registo de comportamento pacato, por vezes, alheado ou em conversas paralelas, porém, nesta Sessão, por instigação da INV o IND 2 participou na constituição da subcategoria **Conceito de Labirinto**.

O conteúdo das suas intervenções é confuso mas revela uma tentativa genuína de participar à altura da complexidade da discussão.

Nota: Manter em observação possível evolução de comportamentos e participação no decorrer das próximas Sessões.

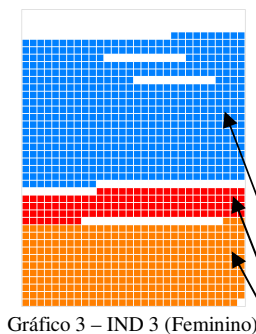


Gráfico 3 – IND 3 (Feminino)

A IND 3 participou na formulação da **Agenda da Discussão** e participou activamente na Discussão. O seu comportamento revelou-se participativo, integrado e respeitador das regras da Discussão. O seu tom de voz mantém-se calmo, afável e pouco elevado e ondulante nas entoações e registaram-se movimentos de aproximação às obras.

As suas intervenções oscilam entre uma percepção francamente intuitiva e a exposição empírica das suas argumentações.

Verificou-se uma participação perspicaz para a constituição da subcategoria **Labyrinth-Delphi (1)** e uma participação menos efusiva para a subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)**. A subcategoria **Conceito de Labirinto** beneficia desse sentido intuitivo que lhe é próprio e revelador de uma capacidade de interiorização muito aprofundada. A IND3 mantém um perfil de abordagem à percepção da obra como um todo contínuo, coerente, e associado a narrativas coerentes e desafiantes dos conceitos em referência.

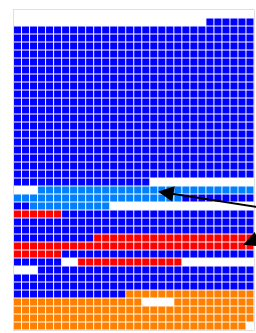


Gráfico 4 – IND 4 (Masculino)

O IND4 não participou com nenhuma questão para a constituição da **Agenda da Discussão** porém, foi muito entusiasta na estruturação da subcategoria de suporte **Hipótese** que marcou definitivamente a distinção da qualidade desta 8ª Sessão A.

O seu comportamento revelou-se atento, motivado e respeitador das regras da Discussão.

A sua participação na constituição das subcategorias **Labyrinth-Delphi (1)** e **Entrance to a Labyrinth (2)** foram notoriamente menos evidentes, porém, resiste o fenómeno da sua interação com a subcategoria **Hipótese**. A subcategoria **Conceito de Labirinto** o seu interesse foi consistente e palco de um curioso confronto conceptual de algum cepticismo no final da Discussão com o IND1.

As intervenções do IND4 revelaram uma natureza que oscilou entre o perspicaz (nomeadamente na constituição da subcategoria **Hipótese**) e o de pouco relevo para a **Discussão**.

As intervenções do IND4 mantém uma tipologia argumentativa tendencialmente intuitiva, porém, nesta Sessão a sua argumentação foi fortemente analítica.

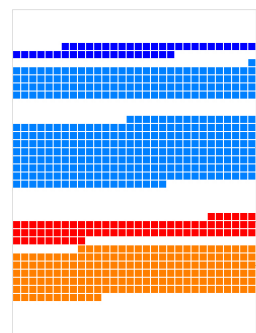


Gráfico 5 – IND 5 (Masculino)

O IND5 não participou na formulação da **Agenda da Discussão**.

O seu comportamento mantém-se agitado, inquieto e, por vezes, desatento.

O IND5 revelou-se mais animado na participação da estruturação da subcategoria **Labyrinth-Delphi (1)** e menos interventivo nas questões relacionadas com a questão **Entrance to a Labyrinth (2)**. A sua participação na constituição da subcategoria

Conceito de Labirinto resultou de uma instigação algo insistente por parte da INV.

O IND 5 mantém-se no perfil de uma intervenção em espelho, sempre à procura de intervir em sobreposição ao que está a ser discutido. Porém, por vezes, verificam-se

rasgos pertinentes e sensíveis que superam a perspectiva do conteúdo do que está em discussão.

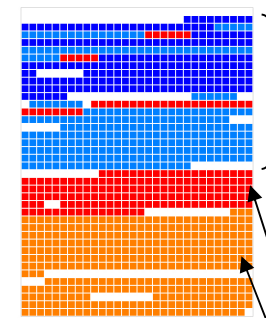


Gráfico 6 – IND 6 (Masculino)

O IND6 não participou na constituição da **Agenda da Discussão** e manteve o seu habitual entusiasmo na participação dos temas visados na discussão. O seu comportamento revelou-se atento, observador e integrado na dinâmica da discussão, porém, verificaram-se alguns incidentes de carácter jocoso que foram de imediato corrigidos pelo CONV1.

No que diz respeito aos seus interesses argumentativos, o IND6 participou com um maior interesse na relação que examinava a associação, ou não, das subcategorias **Hipótese e Labyrinth-Delphi (1)**. Posteriormente centrou a sua atenção na importância das argumentações que estruturaram a subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)**.

A narrativa apresentada pelo IND6 para a constituição da subcategoria **Conceito de Labirinto** foram consideravelmente consistentes e revelam uma tipologia argumentativa determinante e com qualidades céptico-analítica. Para a constituição desta mesma ideia o mesmo contrapôs-se veementemente à argumentação do IND 10, ou seja, ao referirem-se à experiência e análise da instalação referida da 7ª Sessão, o mesmo anuncia a sua posição anterior para, neste contexto narrativo, reforçar a defesa da sua intervenção.

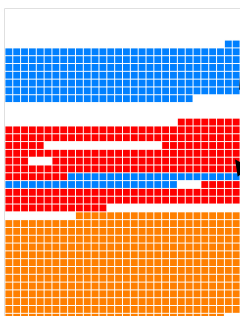


Gráfico 7 – IND 7 (Feminino)

A IND7 não participou na constituição da **Agenda da Discussão** e a sua participação oscilou entre os vários momentos da discussão.

O seu comportamento revelou-se atento, respeitador das regras da discussão, pouco entusiástico, porém, manteve a sua relação habitual com a proximidade às obras.

A IND7 participou pontualmente na constituição da subcategoria **Labyrinth-Delphi (1)** mas com maior relevância ou interesse na subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)**.

A sua intervenção para a formação da subcategoria **Conceito de Labirinto** foi bastante pertinente e de uma sensibilidade algo intimista. A narrativa apresentada pelo IND7 mantém a sua tipologia argumentativa analítica.

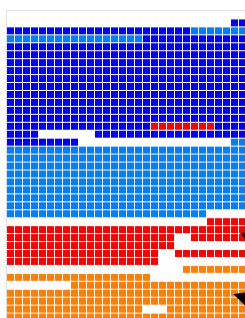


Gráfico 8 – IND 8 (Masculino)

O IND8 foi o elemento mais participativo e perspicaz nesta 8ª Sessão A: participou activamente na constituição da **Agenda da Discussão** e à semelhança do que sucedeu com a análise das intervenções do IND6, o IND8 apesar de um modo mais independente procurou examinar e estabelecer a pertinência da associação conjunta das subcategorias **Hipótese e Labyrinth-Delphi (1)**. A relevância das suas argumentações para a estrutura da subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** foi essencial logo no início da **Discussão**.

Para a constituição teórica da subcategoria **Conceito de Labirinto** o IND8 infere com

uma argumentação pertinente, contudo, alimentada por comentários e conversas anteriores estimuladas pelo CONV1 fora do contexto das sessões

O seu comportamento revelou-se atento, observador e muito activo. Mantém o seu perfil de elemento respeitador das regras da discussão e defensor do seu espaço de intervenção; muito participativo e sensível ao gesto e de grande aproximação à obra e às outras intervenções, manteve uma enorme argúcia em sustentar e elevar o conteúdo das mesmas. A narrativa apresentada pelo IND8 mantém as características de uma enorme coerência e força anímica, com uma narrativa de tipologia argumentativa fortemente analítica. A sua visão alargada dos conteúdos em discussão, sinalizada em sessões anteriores, permitiram-lhe uma vez mais desdobrar conceitos apresentados de modo igualmente incisivo.

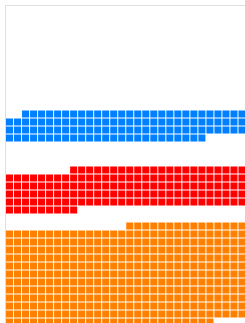


Gráfico 9 – IND 9 (Masculino)

O IND 9 mantém um registo de comportamento pacato, por vezes atento à circulação das intervenções. Nesta Sessão participou na constituição da **Agenda de Discussão** e foi ainda possível registar algumas intervenções, porém, de conteúdo muito incipiente.

Nota: Manter em observação possível evolução de comportamentos e participação no decorrer das próximas Sessões.

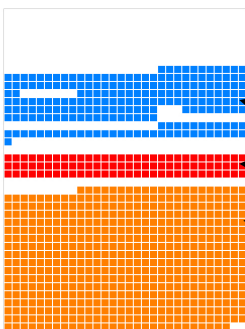


Gráfico 10 – IND 10 (Masculino)

O IND10 não participou com nenhuma questão para a constituição da **Agenda da Discussão**. Nesta Sessão revelou-se mais entusiasta e animado na participação da estruturação da subcategoria **Labyrinth-Delphi (1)** e menos interventivo nas questões relacionadas com a questão **Entrance to a Labyrinth (2)**. A sua participação na constituição da subcategoria **Conceito de Labirinto** resultou de uma instigação por parte da INV e foi a sua participação mais consistente em toda a **Discussão** uma vez que apresentou uma relação directa entre a constituição do conceito de labirinto com a obra discutida anteriormente da Joana Vasconcelos (7ª Sessão) e que animou a participação do IND6, tal como já havia sido referido.

À semelhança do IND 5, o IND 10 mantém-se no perfil de uma intervenção em espelho, ou seja procura intervir em sobreposição ao que está a ser discutido.

Em geral o seu comportamento revelou-se atento e respeitador das regras da Discussão.

A tipologia narrativa de argumentação mantém-se tendencialmente céptica.

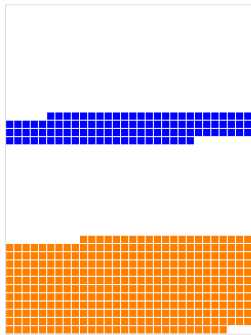


Gráfico 11 – IND 11 (Feminino)

IND 11 participou na formulação da **Agenda da Discussão** que se associou por interesse teórico à subcategoria **Hipótese**.

O seu comportamento mantém um registo de algum constrangimento e dificuldade em entrar em sintonia com o resto do grupo.

Por instigação da INV a IND 2 participou na constituição da subcategoria **Conceito de Labirinto** para a qual, apesar da ingenuidade discursiva, apontou para questões essenciais e primordiais referentes à natureza da experiência estética.

Nota: Manter em observação possível evolução de comportamentos e participação no decorrer das próximas Sessões.

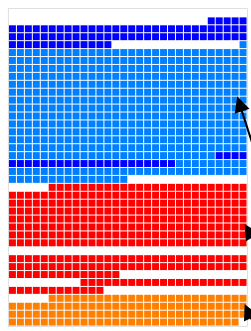


Gráfico 12 – CONV1 (Masculino)

O CONV1 participou na moderação em conjunto da Sessão com a INV. Esta partilha da moderação da Discussão ocorreu naturalmente e assegurou os benefícios registados nos Relatórios anteriores. Nesta Sessão a intervenção do CONV1 iniciou-se com uma integração do entendimento das obras pelas crianças-participantes, pelo que o CONV1, assegurou que estas conhecessem que os títulos que nomeavam as obras obedeciam a um contexto próprio pelo que dispôs-se a esclarecer o mesmo no início da Sessão.

As suas intervenções foram mais incisivas em questões relativas à subcategoria **Labyrinth-Delphi (1)** e **Entrance to a Labyrinth (2)**.

As questões que lançaram a pertinência de estabelecer uma definição teórica do **Conceito de Labirinto** pela INV foram totalmente aprovadas e apoiadas pelo CONV1. Registaram-se ainda alguns momentos de necessidade de intervenção comportamental que foram assegurados pelo CONV1.

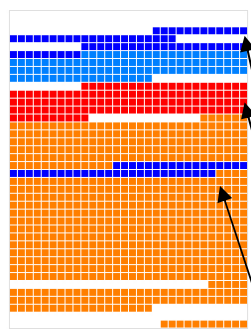


Gráfico 13 – INV (Feminino)

A INV deu início à Sessão relembrando os procedimentos, idênticos aos das sessões anteriores e foi responsável pela recolha de dados de registo de vídeo. Durante a moderação partilhada com o CONV1 a INV desempenhou uma abordagem mais directa no que diz respeito às suas intervenções na qualidade de facilitadora. A participação da INV foi incisiva e atenta às intervenções e abordou com firmeza as questões comportamentais que foram necessárias. Nesta Sessão a intervenção da INV foi pouco incisiva nas questões relativas à constituição das subcategorias **Hipótese**, **Labyrinth-Delphi (1)** e **Entrance to a Labyrinth (2)**, contudo, foi responsável pela introdução e instigação que conduziu as crianças-participantes a observarem uma possível conclusão teórica individual do **Conceito de labirinto**.

CONCLUSÕES FINAIS

A análise à estrutura desta discussão permite localizar e distinguir distintos momentos na dinâmica da discussão:

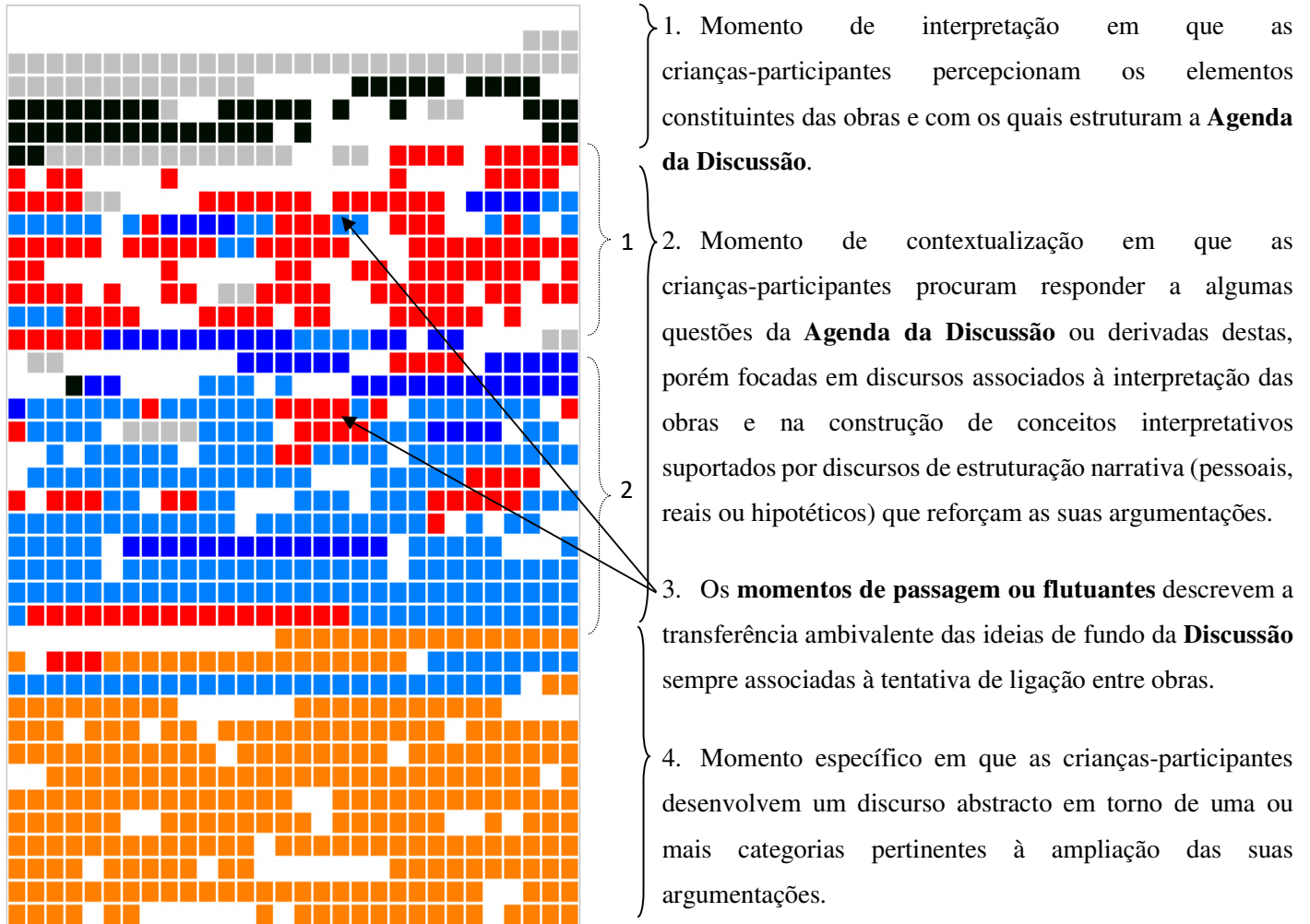


Gráfico 14 – RRTD8A

Legenda:

Subcategorias da Discussão	
■	Agenda da Discussão
■	Hipótese
■	Labyrinth-Delphi (1)
■	Entrance to a Labyrinth (2)
■	Conceito de Labirinto
■	(Registos comportamentais)

Questões derivadas da ARDG

1. Como se relacionam as obras entre si?
2. De que se constitui a obra *Labyrinth-Delphi*?
3. De que se constitui a obra *Entrance to a Labyrinth*?
4. O que se entende por *labirinto*?

INTERPRETAÇÃO

A **Agenda da Discussão** gerou seis questões (Quadro 2). As questões reveladas pela **Agenda da Discussão** foram sustentadas pela observação directa de duas obras seleccionadas previamente de um grupo de seis. As obras seleccionadas intitulam-se *Labyrinth-Delphi* e *Entrance to a Labyrinth* conforme contexto anteriormente referido (Ver pág.3).

Assim, a 1ª e 2ª Questão constituíram a subcategoria **Escolha do autor** que se estabelece a partir da estruturação da obra na sua relação directa com os materiais utilizados (*Materiais*) e à motivação ou tema escolhido pelo autor (*Tema*); a 3ª, 4ª e 5ª Questão constituíram-se de menções directas à obra **Labyrinth-Delphi (1)** e evidenciaram a preocupação em desvendar os *caminhos (entrada & saída)* que materializam o labirinto e as relações que estes estabelecem entre si; a 6ª Questão constituiu a subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** que evidenciou uma análise directa dos elementos que constituem a obra os seus *Diferentes planos de representação* e como é que a sua disposição nos momentos de leitura da própria obra. As crianças-participantes, ao entrarem no espaço onde se localizavam as obras, entraram com o intuito de observarem as obras expostas, mas com uma maior preocupação dirigida às obras em referência. Após esta 1ª fase registaram-se pedidos imediatos de inscrição com comportamentos de preocupação com o cumprimento das regras da Filosofia com Crianças.

Agenda da Discussão	
1. Porque é que isto é 3D e não foi pintado?	IND 1 (Masculino)
2. Porque é que escolheram um labirinto?	IND 11 (Feminino)
3. Porque é que neste labirinto (Delphi) há sítios onde não se pode ir?	IND 3 (Feminino)
4. Porque é que a saída está impedida de passar?	IND 9 (Masculino)
5. Onde é que é a entrada e a saída deste labirinto (Delphi)?	IND 8 (Masculino)
6. Porque é que na entrada do labirinto está esta espécie de mundo com prédios à frente e uma espécie de sistema estelar?	IND 8 (Masculino)

Quadro 2 – Agenda da Discussão (Questões)

CONTEXTUALIZAÇÃO

Nesta Sessão registaram-se dois momentos algo circunscritos no contexto da contextualização, ou seja, o momento próprio de disseminação das ideias, conceitos ou questões que ressoaram logo após a constituição da **Agenda da Discussão**. Na primeira parte da **Discussão** as questões apelaram directa e primeiramente à obra **Entrance to a Labyrinth (2)** e numa segunda fase à obra **Labyrinth-Delphi (1)**.

É necessário assinalar que os momentos ditos nesta investigação de momentos de passagem ou flutuantes constituíram eles mesmos uma subcategoria denominada de **Hipótese**. Assim, a subcategoria **Hipótese** surge da identificação de um conteúdo-base representativo que circunscreve ou auxilia a teoria estabelecida como especulativa, porém, constante durante toda a **Discussão**, ou seja, esta subcategoria **Hipótese** constitui-se de momentos da apreciação das correntes submersas que momentaneamente submergem através das argumentações, mais, a subcategoria **Hipótese** descreve a transferência ambivalente das ideias de fundo da **Discussão** sempre associadas à tentativa de ligação entre obras.

A subcategoria **Hipótese**, de um certo modo, foi a estrutura oculta que permitiu num nível quase imperceptível o género de leitura das obras que as crianças-participantes se permitiram conduzir.

Os momentos que até esta Sessão estruturavam a **Discussão**, por evidência revelada através dos dados analisados, alteraram-se, isto é, o que se determinou até esta Sessão de Contextualização, de algum modo, aglutinou o discurso de estruturação narrativa.

As crianças-participantes já não necessitaram de experimentar ou testar abordagens múltiplas, o fenómeno em observação e análise revela que estas dirigiram-se de imediato ao objecto eleito para discussão e sim, em torno deste desenvolveram os discursos associados a interpretações focalizadas com conceitos interpretativos muito direccionados e sustentados por discursos de estruturação narrativa (pessoais, reais ou hipotéticos) com que reforçam as suas argumentações.

Esta 8ª Sessão revela-se um momento de mudança efectiva na evolução da relação directa da criança em fruição directa com a obra, num contexto que entendemos como experiência estética.

Na já denominada de 1ª fase, em que surge a **Entrance to a Labyrinth (2)** apresenta uma estrutura complexa que evidência a associação directa dos elementos que constituem a obra em diferentes planos de representação. Os elementos que constituíram a subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** foram os primeiros a ser referenciados na **Discussão**, logo após ao fecho da **Agenda da Discussão**, quando a IND 3 (Feminino) identifica o então denominado *sistema estrelar* como sendo um objecto de orientação, a *bússola*. Assim, a subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** constitui-se da ideia de corresponder à *entrada do labirinto* Ex: “Aquele tem labirinto (1) e este é a entrada (2). (...) Em si, é a planta do labirinto (1) e este é a entrada do labirinto como se fosses tu a entrar no labirinto (2). Tem uma porta ali.” IND 6 (Masculino).

A 2ª fase, em que surge um maior interesse pela subcategoria **Labyrinth-Delphi (1)**, evidência-se a preocupação em deslindar os percursos que materializam o labirinto e as relações que estes estabelecem entre si. Posteriormente, insinua-se discurso de estruturação narrativa associado a cada uma das partes que constitui a obra, como meio possível de a vir a delimitar cada uma das partes para, posteriormente, constituir-se o entendimento da totalidade da obra (identificação por dissecação).

A subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** está directamente associada à 6ª Questão colocada pelo IND 8 (Masculino) que propõe uma associação directa dos elementos que constituem a obra em diferentes planos de representação, sendo que, os elementos que constituíram a subcategoria **Entrance to a Labyrinth (2)** foram os primeiros a ser referenciados na **Discussão**, logo após ao fecho da **Agenda da Discussão**, quando a IND 3 (Feminino) identifica o então denominado *sistema estrelar* como sendo um objecto de orientação a *bússola*.

Por último, no que diz respeito a questões comportamentais regista-se uma fraca intensidade de intervenção da moderação em parceria, com poucos reparos ao cumprimento das regras de comportamento ou postura física. Observa-se com frequência comportamentos observadores e atentos por parte das crianças-participantes.

DISCURSO ABSTRACTO

A entrada de discursos de cariz abstracto surge apenas no final da **Discussão** e constituiu-se da subcategoria **Conceito de Labirinto**. Esta subcategoria surge por intervenção da INV que solicitou ao grupo que reflectisse como é que cada um construiu a sua ideia ou *conceito de labirinto* Ex: “Vou colocar-vos uma questão: Nós, enquanto observadores, estamos na frente de duas obras: uma é um labirinto planificado, a outra dá-nos a entrada do labirinto com um suposto mecanismo de

orientação, seja ele bússola ou relógio, mas não deixam de ser duas peças criadas pelo artista. Nós, do lado de cá, o que é que nós entendemos deste labirinto? Nós enquanto [observadores], cada um vocês? Se calhar há vários labirintos, se calhar há só um.”, ou seja, a subcategoria **Conceito de Labirinto** constitui-se das várias intervenções que visavam a instigação a uma outra abordagem da noção em formação até àquele instante da Sessão e em conformidade com o que já havia sido experimentado e ponderado anteriormente.

Esta questão, que iniciou o momento conclusivo da discussão, possibilitou a auscultação do movimento das crianças-participantes quando se descolaram dos seus argumentos anteriores aparentemente enraizados e se focaram numa outra possibilidade discursiva, que fez ressair nas argumentações o cariz abstracto.

Este incitamento cumpriu e respeitou o carácter íntimo ou individual de cada uma das argumentações apresentadas. Assim, a subcategoria **Conceito de Labirinto** comportou os seguintes conceitos subcategorias:

- Labirinto entendido como um **Puzzle** (IND 6) por se referir a uma noção de correspondência enigmática por “tentativa e erro”, que no *conceito de labirinto* pode ser entendido como uma opção de *caminho*;

- Labirinto enquanto **Enigma** (IND11) reflecte uma noção conjunta que vai desde o interesse na experiência de observação (decifração) de uma obra ao acto prazeroso, e por isso, de escolha de um acto ou desejo de descobrir o que uma obra nos quer comunicar;

- Labirinto enquanto **Entrada & saída** observa a correspondência ambígua de um *afastamento que remete sempre ao regresso* como a impossibilidade de nos afastarmos do planeta Terra e assim permanecer, ou o *labirinto* como uma *circunstância de encurralamento* e que por sua vez estende-se ao sentido de **Bom & Mau** que alude às reflexões elaboradas a partir da instalação da Joana Vasconcelos 7ª Sessão A;

- Labirinto como **Opção de caminho** que nos obriga a uma escolha constante de um caminho por vezes sem retorno, como o labirinto que pode ser considerado como a *vida de cada um*, como o labirinto ao qual cada um se sujeita no momento em que nasce;

- Labirinto enquanto **Vida & Morte** em que se considera a entrada do labirinto no momento em que se nasce, onde se vive, e do qual cada um se liberta no momento da morte, porém, é possível ainda que depois da libertação deste labirinto se entre num outro que remete de novo à vida. Aqui a *diferença entre labirintos* remete às considerações elaboradas na 7ª Sessão A, depende da *escolha de caminho*. Ainda neste contexto, surgem considerações mais deterministas ou dramáticas: em que é possível nem sequer considerar que se vive no labirinto e assim ignorar as circunstâncias da própria existência ou realidade;

- **Filosofia** enquanto labirinto uma vez que apresenta várias respostas sendo que cada uma destas dá origem a uma outra variedade de respostas e assim sucessivamente, como *uma árvore representada com muitos ramos*.

No que diz respeito a questões comportamentais, registaram-se alguns momentos de alheamento ao longo da Sessão, porém, as intervenções revelaram-se dinâmicas e constituíram conteúdos pertinentes para a construção de teoria. A observar se este alheamento ou distrações temporárias não serão já vestígios de um certo “à vontade” ou domínio dos procedimentos, mesmo dos discursivos. É, ainda, de referir que a aproximação à obra ocorreu em ciclos espaçados e associados aos seguintes objectivos: a necessidade de observar os elementos constituintes das obras; contextualizar inter-relações de suporte à estruturação das argumentações; e conduzir os ouvintes no percurso das explanações que se pretendem objectivas e explícitas.

REGISTO DE CONTROLO

O necessário ajustamento do modelo de Lipman, a sua transferência para outro discurso associado à leitura e interpretação de obras de arte, obriga a que haja, desde o início do trabalho de campo, a preocupação de assegurar a qualidade e rigor dos procedimentos.

O Relatório da 8ª Sessão A debruçou-se sobre o possível discurso e discussão em torno de duas obras do pintor e gravador Bartolomeu Cid dos Santos: *Labyrinth-Delphi* (2000) e *Entrance to a Labyrinth* (2000), em exposição retrospectiva no CCMB em 21 Abril de 2010.

A Sessão foi realizada num contexto público (CCMB), procedendo ao percurso necessário e integrador da principal questão desta investigação.

Assim, a Sessão realizou-se segundo os pressupostos principais definidos por Matthew Lipman para Filosofia com Crianças e promoveu a experiência fundamental para um melhor entendimento de um discurso, que se prevê manifestamente estético.

ANÁLISE DA OBRA E ENQUADRAMENTO NO ESPAÇO

Sessão: 8ª Sessão A: Bartolomeu Cid dos Santos, *Labyrinth-Delphi* (2000) e *Entrance to a Labyrinth* (2000)

Exposição: Bartolomeu Cid dos Santos

Data: 21 Abril de 2010

Local: CCMB (Lisboa)

Horas: 14:30h às 16:00h (Visita prévia a toda a exposição seguida da Sessão de Filosofia)

Critérios metodológicos	Relevância	Para critérios metodológicos manteve-se a abordagem dedutiva dos fenómenos observados tendo estes sido fortemente conduzidos pela teoria e pela questão de investigação.
	Enquadramento temático	As crianças-participantes não revelaram qualquer dificuldade em desenvolver a interpretação e contextualização das obras seleccionadas.
	Referências anteriores	Com visita anterior à exposição e leitura de textos específicos.
Leitura das obras	Características formais	Obedeceu ao protocolo associado ao da Filosofia com Crianças (à excepção da integração da obras de artes)
	Interpretação da obra	Verificou-se adaptação imediata dos seus discursos e comportamentos em relação à obra em discussão. A intervenção dos facilitadores foi consistente e em parceria durante toda a sessão.
Espaço museológico	Localização	CCMB (Lisboa), ao qual acedemos através da utilização de transportes.
	Leitura/percepção	Foi considerado: que as crianças-participantes percorressem livremente a exposiçã. A preparação da sessão incluiu leitura prévia de histórias seleccionadas dentro da temática visada (labirinto). A sessão anterior a <i>instalação Jardim do Éden (Labirinto)</i> enquadrava-se igualmente na temática promovida; a disposição física dos participantes ficou sujeita à disponibilidade oferecida pela própria sala pelo que as crianças-participantes estiveram sempre em presença com a obra.
	Integração na exposição	As obras estavam inseridas numa única sala tendo essa mesma sala sido experimentada e percebida como um todo antes do início da sessão e da referência às duas obras a serem consideradas.
Obs:		

Quadro 3 – Avaliação da obra e enquadramento no espaço
(Descrição)

AVALIAÇÃO DA SESSÃO

Sessão: 8ª Sessão A: Bartolomeu Cid dos Santos, *Labyrinth-Delphi* (2000) e *Entrance to a Labyrinth* (2000)

Exposição: Bartolomeu Cid dos Santos

Data: 21 Abril de 2010

Local: CCMB (Lisboa)

Horas: 14:30h às 16:00h (Visita prévia a toda a exposição seguida da Sessão de Filosofia)

Participantes: IND 1; IND 2; IND 3; IND 4; IND 5; IND 6; IND 7; IND 8; IND 9; IND 10; IND 11; CONV1; INV.

ENTRADA NO CAMPO		
Declarações	Individuais	Participação de todos por instigação dos facilitadores; participação escassa ou diminuta de 2 elementos (IND 9 e IND 11); participações individuais foram maioritariamente respeitadoras e integradas nos objectivos esperados. Registos de algum alheamento.
	Grupo	Intervenções iniciam-se com forte associação à percepção e contextualização dos elementos constituintes da obra; forte abertura para discursos com estruturação narrativa; construção em conjunto de narrativas hipotéticas que se mantiveram latentes durante quase toda a Discussão.
	Professor	Intervenção apenas para instigação de argumentações assertivas e algumas com referência a questões comportamentais.
	Investigadora	As suas intervenções integraram-se em parceria com as intervenções do CONV1. Instigação específica da última questão de modo a poder recolher dados de todos os participantes (mesmo dos que nunca participaram anteriormente).
	Outros	-
Comportamentos	Individuais	Inscrição na discussão através do “dedo no ar”; comportamentos de atenção, entusiasmo. Alguns registos de alheamento aparente e efectivo.
	Grupo	Comportamentos de atenção e de alheamento; cumprimento das regras da discussão.
	Professor	Partilhou a moderação com a investigadora.
	Investigadora	Comportamentos associados à organização do equipamento; registo da sessão; participação na moderação.
	Outros	-
<p>Obs. As primeiras intervenções foram completamente focadas na experimentação física da obra e na percepção visual da mesma. No final da sessão argumentos ganham uma concepção abstracta que associa conceito geral de vida com vínculo directo à vivência e interpretação da obra.</p>		

Quadro 4 – Avaliação da entrada no campo
(Descrição)

DISCUSSÃO				
Obras de arte	Tempo de leitura	2 minutos e 23 segundos.		
	Comport. Físico	No 1º momento as crianças-participantes fizeram uma experimentação directa das obras.		
	Comport. Relacional	Comportamentos de empatia e complementaridade discursiva; alguns registos de conversas cruzadas.		
	Relevância	Obra	Obra seleccionada revelou-se estimulante à percepção visual e vivencial (aproximação às obras durante a sessão).	
		Temáticas	Constituição de um leque de interesses focados e articulados à percepção e experimentação da obra em associação com experiências anteriores que consideravam o mesmo conceito base (labirinto).	
		Discussão	Registo de 3 momentos: “leitura” das obras; constituição da Agenda de discussão; Discussão.	
Investigação		As intervenções possibilitaram patentear diferentes fases da discussão; tipologias do carácter argumentativo; comportamentos de experimentação das obras e argumentos muito relacionados com a obra e concepções que alargam o seu âmbito.		
A. Discussão	Grau de participação	Participação contextualizada		
	Relevância	Temática	Participação alargada com a formulação de 6 questões que apresentaram as possíveis relações de natureza perceptiva; narrativas de contextualização da obra; conclusões conceptuais de grande interesse.	
		Discussão	As 6 questões da Agenda da Discussão formaram o carácter inicial da Discussão que facilmente se deslocou para uma argumentação conceptual. Intervenções ricas em elementos de sustentabilização das várias análises de conteúdo. Participação de todos os elementos, com reduzida necessidade de moderação.	
Discussão	Dinâmica	Grupo	Comportamentos em cumprimento das regras da discussão; intervenções integradas no assunto em discussão. Adaptação à dinâmica de grupo na discussão. Alguns elementos com registo de alheamento aparente e efectivo.	
		Indivíduos	Todas as crianças-participantes participaram na Sessão.	
		Professor	Moderação empática e em parceria com a INV.	
		Investigadora	Intervenção com maior sensibilidade à dinâmica do grupo e integrada na parceria com o CONV!	
	Acções	Interrupções acidentais	Não se verificaram	
		Interrupções provocadas	Verificaram-se	
		Comportamentos físicos	Aproximação às obras.	
	Argumentações	Narrativas	Estruturadas segundo distinções preceptivas; validaram áreas temáticas.	
		Argumentativas	Verificaram-se	
		Normativas	Não se verificaram	
		Estruturalistas	Não se verificaram	
		Jocosas	Verificaram-se	

Quadro 5 – Avaliação da Discussão
(Descrição)

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE		
Comportamentos	Flexibilidade	Verificou-se
	Objectividade	Preocupação com a partilha da moderação. Verificou-se
	Empatia	Verificou-se
	Indução/Persuasão	Não se verificou
	Integração no grupo	Boa integração no grupo.
	Avaliação do grupo	Empático, boa disposição, participações constantes e interessadas.
Moderação	Direcção formal (limitada à Agenda)	Não se verificou
	Condução temática (introduz outras questões)	Verificou-se a entrada de uma questão ajustada aos conteúdos da Discussão pela INV que se tornou conclusiva para a Discussão (pelo modo como cada participante apresentava as suas argumentações).
	Orientação da dinâmica	Necessidade de gestão das inscrições na discussão; as crianças-participantes abstraem com facilidade necessidade de moderação.
Preparação da sessão	Adequação da obra	A relação das obras e com o espaço da exposição foi um elemento considerado e essencial à sessão neste formato.
	Adequação ao grupo	Verificou-se uma aceitação motivada na integração dos pressupostos da sessão com as obras seleccionadas. Apesar de registos de alheamento por parte de alguns elementos, consideram-se as obras adequadas a todos os elementos do grupo.
	Adequação à discussão	Adequada e incitadora da discussão
	Benefícios	Abordagem espontânea ao espaço e às obras em referência para a discussão e de integração conceptual alargada (histórias e sessão anterior).
	Dificuldades encontradas	Nenhuma.
<p>Obs. Observar alteração de comportamentos nas crianças-participantes que participaram pela primeira vez. Observar alteração da dinâmica intrínseca aos momentos específicos da Discussão.</p>		

Quadro 6 – Avaliação da observação participante
(Descrição)

AVALIAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE TEORIAS ENRAIZADAS³

1	Os critérios foram concebidos?	Critérios observados em análise conduziram à alteração da organização interna da Discussão (ver Conclusão)
2	Os conceitos estão sistematicamente relacionados?	Os conceitos foram sistematicamente relacionados ao longo de todo este Relatório.
3	Há muitas ligações conceptuais e as categorias estão bem elaboradas? As categorias têm densidade conceptual?	As ligações conceptuais foram devidamente sustentadas bem como a elaboração das categorias, apresentam densidade conceptual e estrutura sensível, alargada e complexa.
4	Há muita variedade introduzida na teoria?	Considerou-se uma delineação mais concentrada da teoria (redução de categorias). Inclusão de categorização por valorização e por estrutura. Associação da percepção à conceptualização generalizada de cariz abstracto.
5	As condições mais amplas que afectam o fenómeno estudado são contempladas na explicação?	Confirma-se, o fenómeno é amplamente confirmado e contextualizado na sua explicação.
6	O “processo” foi tido em linha de conta?	Sim, o processo bem como a natureza específica desta sessão conduziram a alterações efectuadas no conteúdo teórico..
7	Os resultados teóricos parecem significativos? Em que medida? O que reflectem? <ul style="list-style-type: none"> ➤ “o ponto de vista do sujeito”; ➤ Descrição dos ambientes; ➤ Interesse na produção da ordem social ➤ Reconstituição das “estruturas de profundidade, geradoras da acção e do significado”? 	Sim, na medida em que se verificou alterações na organização interna da Discussão; verificaram-se alterações na percepção, experimentação e interpretação da obra em relação a uma conceptualização mais alargada e notoriamente focada na experiência estética. Mais congruência na concepção das argumentações; Adaptabilidade e controlo do ambiente; Dinâmicas comportamentais e dialécticas consolidadas; Dinâmicas comportamentais e dialécticas consolidadas na percepção e alargamento dos conceitos elaborados a uma dialéctica abstracta, integrada e integradora, e ainda, na organização interna da Discussão

Quadro 7 – Avaliação da construção de teorias enraizadas

³ Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 237)

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PESQUISA⁴

1	<p>Como foi constituído o grupo original? Com que base (selecção de grupo)?</p>	<p>O grupo enquadra-se no conceito de grupo focalizado (amostra teórica). Para esta sessão, foi constituído um grupo de 10 crianças-participantes (3 Femininos e 7 Masculinos) e 2 adultos (1 Feminina e 1 Masculino)</p>
2	<p>Que categorias principais emergiram?</p>	<p>Agenda da discussão, Discussão (categorias de cariz experimental e conceptual)</p>
3	<p>Quais foram os acontecimentos, incidentes, acções etc., que serviram de indicadores para aquelas categorias?</p>	<p>Dinâmicas comportamentais e dialécticas consolidadas na percepção e alargamento dos conceitos elaborados a uma dialéctica abstracta</p>
4	<p>Que categorias serviram de base ao prosseguimento da amostragem teórica, ou seja, como é que as formulações teóricas guiaram parte da colecta de dados? Depois de efectuada a amostragem teórica, que representatividade provaram ter estas categorias?</p>	<p>Prática inscrita na Filosofia com Crianças desde os 3 anos de idade; adaptabilidade ao protocolo proposto, perfeita integração no panorama pedagógico-científico da Cooperativa de Ensino a Torre. Revelaram a consolidação das teorias reveladas nas sessões anteriores.</p>
5	<p>Quais foram as hipóteses centrais acerca das relações entre as categorias? Em que bases foram formuladas e testadas?</p>	<p>Hipóteses centralizaram-se na continuidade conceptual apresentada nas intervenções, na dinâmica revelada pela própria discussão e na relação comportamental. Formuladas e estudadas a partir dos pressupostos metodológicos da <i>grounded theory</i>.</p>
6	<p>Houve casos em que as hipóteses não se mantiveram, face ao realmente observado? Como foram explicadas as discrepâncias? Como foram efectuadas as hipóteses?</p>	<p>As hipóteses suscitadas pelas sessões anteriores foram alteradas e alargaram o seu espectro conceptual no sentido da sua evolução enquanto fenómeno. Não se verificaram Observação incisiva no fenómeno da relação percepção/experimentação da obra consolidada pela interpretação e alargada à dialéctica</p>
7	<p>Como e porquê foi escolhida a categoria nuclear? A selecção foi repentina ou gradual, fácil ou difícil? Em que bases foram tratadas as decisões da análise final? Como apareceram nessas decisões os critérios “vasto poder explicativo” e “relevância” em relação ao fenómeno estudado?</p>	<p>Pela escolha do objecto em referência e pela natureza da Discussão que a revelou (<i>Hipótese</i>). A análise foi gradual e facilitada pela adaptabilidade do grupo. A análise final obriga à confrontação teórica dos vários relatórios formulados. O seu poder explicativo reflecte-se apenas no fenómeno em análise e registado neste relatório, pelo que o critério de “vasto” apenas se verificará com o confronto teórico revelado por todos os relatórios. A relevância do fenómeno revela-se na consolidação da relação percepção/experimentação da obra consolidada pela interpretação e alargada à dialéctica e da organização interna da Discussão.</p>

Quadro 8 – Avaliação do processo de pesquisa

⁴ Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 236)